



No silêncio
do voo
Poesia

Francisco Joaquim Alves - Chico do Gama

Jairo Mendonça

Organizadores

No silêncio do voo Poesia

Edição nº1

Brasília, Distrito Federal

Sinpro-DF

2013

Créditos

Sindicato dos Professores do Distrito Federal - Sinpro-DF

Projeto e Coordenação geral	Francisco Joaquim Alves - Chico do Gama
Coordenação adjunta	Wijairo José da Costa Mendonça
Assessoria de Imprensa	Rosilene Corrêa Lima
Revisão de textos	Maria Augusta Ribeiro
Programação visual e capas	Sonia Montagner
Capa	<i>Migrador</i> , 1998. Acrílica sobre tela, 61x50cm. Autoria: Sonia Montagner
Foto capa	Edgard Cesar Fotografia
Editoração	Agência Promark

Diretoria Colegiada do Sinpro-DF

Triênio 2010 - 2013

Secretaria de Administração e Patrimônio

Carlos Cirane - Coordenador
Evandro Borges de Deus
Nilza Cristina G. dos Santos

Secretaria de Imprensa e Divulgação

Cláudia Bullos
Cleber Ribeiro Soares
Rosilene Corrêa - Coordenadora

Secretaria de Assuntos dos Aposentados

Francisco Raimundo (Chicão)
Isabel Portuguese de S. Felipe - Coordenadora
Iracema Bandeira da Silva

Secretaria de Raça e Sexualidade

Maria de Fátima (Fatinha)
Elaine Amâncio Ribeiro
Wiviane Farkas - Coordenadora

Secretaria de Assuntos Culturais

Carlos Edmundo Arnt
Francisco Joaquim Alves
Rodrigo Rodrigues C. e Lima - Coordenador

Secretaria de Saúde do Trabalhador

Cássio de Oliveira Campos
Gilza Lúcia Camilo Ricardo
Maria José Correia Muniz - Coordenadora

Secretaria de Assuntos Jurídicos e Trabalhistas e Socioeconômicos

Dimas Rocha - Coordenador
Washington Luis D. Gomes
Wijairo José da C. Mendonça

Secretaria de Organização e Informática

Luiz Alberto Gomes Miguel
Maria Augusta Ribeiro - Coordenadora
Vanuza Sales

Secretaria de Assuntos e Políticas para Mulheres Educadoras

Eliceuda Silva França - Coordenadora
Neliane Maria Da Cunha
Thais Romanelli Leite

Secretaria de Política Educacional

Berenice D'arc Jacinto - Coordenadora
Cláudio Antunes Correia
Julio Barros

Secretaria de Finanças

Enóquio Sousa Rocha
Maria Bernardete D. da Silva
Sebastião Honório dos Reis - Coordenador

Secretaria de Políticas Sociais

Fernando Reis - Coordenador
Iolanda Rodrigues Rocha
Magnete Barbosa Guimarães

Secretaria de Formação Sindical

Hamilton da Silva Caiana
Ilson Veloso Bernardo - Coordenador
Marco Aurélio G. Rodrigues

Conselho Fiscal

Eliete Alves Chagas
Jucimeire Barbosa Da Silva
Luciana Rodrigues De Almeida
Pedro de Oliveira Silva
Selassie das Virgens Junior

Sumário

Apresentação .	7
Adeilton Oliveira de Queiroz .	8
Alice de Sousa Oliveira .	12
Ana Maria dos Reis Cunha Magalhães .	18
André Luiz Gonçalves da Rocha .	24
Benedita da Aparecida Leles .	26
Benjamin Francklin dos Santos .	30
Brasilene Martins Moraes Ferreira .	34
Cícera Liberato .	38
Dilma Rodrigues .	40
Xiko Mendes .	44
Francisco Joaquim Alves - Chico do Gama .	50
Gilvan José Vieira .	54
Jailson Kalludo .	62
Jairo Mendonça .	66
Josélia de Carvalho Costandrade Civiletti .	70
Laila de Mauro .	76
Magnete Barbosa Guimaraes .	78
Manoel Jevan Gomes de Olinda .	82
Márcia Sabino Mendes .	84
Maria Alves do Nascimento .	86
Maria Augusta Ribeiro .	92
Maria Cristina Sant'Ana Cardoso .	94
Maria Dolores Ritter .	98
Maria Holanda Lopes Carvalho .	102
Neide Maria Massa Pereira .	104
Neusa Maria Rodrigues .	112
Orlando Pereira dos Santos .	116
Patricia de Oliveira Silva .	118
Paulo Palmério Queiroz .	122
Ronaldo Oséas da Silva .	128
Sonia Montagner .	132
Vicente de Melo .	136

Apresentação

Mais uma vez o Sindicato dos Professores no DF cumpre seu importante papel cidadão ao editar o segundo livro de poesias, escrito pela categoria.

Sindicato é para lutar e o Sinpro-DF luta muito, inclusive mostrando a arte que a categoria faz porque tem o exato entendimento de que a arte de educar a sociedade deve ultrapassar, sempre e em todos os sentidos, os muros das escolas.

A sensibilidade e a sutileza do amor explícito que envolve nosso trabalho necessita de publicação para que as pessoas, as mães e os pais de nossas/os alunas/os nos reconheçam e nos tratem com respeito e reconhecimento, inclusive os governantes.

E nessa edição, os temas desenvolvidos em prosa e versos clamam pelo respeito e a preservação da natureza para que as gerações futuras possam usufruir a bela vida na terra. Assim como enaltecem a disposição e as lutas da classe trabalhadora, das incansáveis lutadoras, mulheres, Margaridas do campo que atuam no campo, numa lida diária e paciente, como quem tece o amanhã, para garantir o alimento nas mesas de nosso dia a dia garantindo, dessa forma, nossa sobrevivência, dando nos as forças necessárias que sustentam nossas vidas, nossas lutas.

Nosso agradecimento às professoras e professores que dedicaram momentos de suas vidas construindo versos, simples e sofisticados, em suas poesias. Eternizando no livro o pensamento e o projeto de um Sindicato que não para, que segue em frente, educando, construindo e ensinando a cidadania às mulheres e homens de nossa cidade.

Parabéns companheiras e companheiros artistas e na arte de educar!

Maria Augusta Ribeiro



Adeilton Oliveira de Queiroz

Nasceu em Brasília - DF, em 14 de setembro de 1974.
É escritor, poeta e pedagogo.

Tem diversos textos e vídeos na internet e publicou, de forma independente, três livros: *A maravilhosa arte de perdoar os peixes*; *Little Lírio*; *Admiráveis vítimas vitais*.

Nau frágil

Amar algo ou alguém é mexer com iceberg.
É mexer com universos latentes,
Submersos, perversos.
É despertar os pontiagudos.
É não ter medo de se lançar contra lanças brancas,
Gélidas flechas.
Amar alguém ou algo
É jogar sobre o próprio corpo um frio caldo.
É ficar sem respaldo.
É lançar contra geleiras o casco coração.
É afundar a própria embarcação.

Trem

Eu sou um trem
Porém, sou diferente,
Não tenho locomotiva
Tenho loucos motivos.

Sou meigo no assunto

Eu sou homem.

Mas não sou cretino, não sou bruto
Porque quando se trata de amor, sou meigo no assunto.

Eu sou homem.

Mas não sou possessivo, nem agressivo, nem grosso e nem curto
Porque quando se trata de amor, sou meigo no assunto.
Quero te abraçar, beijar, cheirar, apertar pra gente ficar bem junto.
Porque sou meigo no assunto.

Livramentos

Depois que você foi embora
Mande trocar os azulejos, as lâmpadas e as cortinas
Porque quero suas lembranças longe das minhas retinas.
Atirei fora dois perfumes inconvenientes que você deixou.
Tralhas, quadros, trecos e trincos no lixo joguei.
O abajur branco com lilás eu quebrei.
Mudei a cama, as flores e o cinza sofá de lugar.
E os seus livros estão agora na biblioteca pública,
Juntos de Machado de Assis.
Porque eu quero um novo amor.
Porque eu mereço ser feliz.



Alice de Sousa Oliveira

Natural de Pedro II, Piauí, casada, mãe de quatro filhos, professora da Secretaria de Educação desde 1986, formada em Pedagogia. Especializada em Administração Escolar e cursos nas áreas de Teatro, Teologia, Relações Humanas, entre outros.

Alguns de seus poemas estão publicados nos livros: *De Mãos Dadas Seremos Fortes - Sinpro-DF. Coletânea de Poesias, Prêmio SESC/DF* e no livro de sua autoria, *Poesias na ponta do Lápis*.

O Homem e a Natureza

O sonho de viver bem,
Não se pode mais negar.
Depende da sustentabilidade do Planeta
E dos recursos naturais que vão preservar.

Não dá mais para fechar os olhos
E continuar do jeito que está.
A Natureza clama por socorro.
Só o homem pode ajudar.

O Governo e os setores da sociedade
Têm o dever de colaborar:
Votar Leis sérias de sustentabilidade
Para que o Planeta possa se recuperar.

Começar a mudar velhos hábitos,
Parar de tanta água gastar,
Usar produtos orgânicos,
Cuidar do solo, não contaminar.

Combater a poluição,
O meio ambiente preservar,
Conservar a biodiversidade.
O lixo reciclar.

Reduzir o consumismo,
Energia elétrica economizar
Proteger as nascentes dos rios,
Crime ambiental denunciar.

Ter uma cultura de sustentabilidade
Para o mundo começar a mudar.
Adquirir consciência ecológica,
Para o tempo de vida não abreviar.

Pensar nas gerações futuras,
O estilo de vida transformar.
O Homem e a Natureza,
De mãos dadas devem caminhar.

Preparar bem o Planeta hoje
Para as novas gerações habitar.
Tudo se deteriora com o tempo.
Se não cuidar, o que vai restar?

Professor não foge à luta

Professor, bravo guerreiro!
Tem orgulho de dizer...
Cada item do seu contracheque
Ralou muito para obter.

Quando o Sinpro o convoca,
Não se faz ensurdecer,
Nem fica acovardado.
Mobiliza pra valer.

Greves da categoria,
Momentos difíceis de percorrer.
Paralisações, passeatas e piquetes,
Lá está ele, sem medo de viver.

Desprezado pelos governantes,
A sociedade finge não o perceber.
Permanece firme nas assembléias,
No sol quente de arder.

Perseguido pela mídia,
Pela polícia que o deveria proteger,
É tratado como vândalo,
Passa por humilhação de doer.

A cada assembléia tem a esperança
De o impasse resolver.
Sem proposta, nem negociação,
Não se deixa esmorecer.

Dá a volta por cima
Tem muito o que fazer:
Panelaços, panfletagem...
A sociedade lhe ver.

Faz greve de fome,
O corpo chega a tremer.
Acorrenta-se em praça pública
Vê os dias correrem.

Monta acampamento,
No rio, o queixo bater,
O movimento se fortalece
E a esperança vem lhe aquecer.

Depois de dias e até meses,
A greve vem a suspender,
Com promessas de acordo
E de um proposta a debater.

Retorna para a Escola
Para cumprir o seu dever.
Trabalha com muito afinco
Na construção do saber.

No dia do pagamento
Vem a se surpreender:
O acordo não foi cumprido,
Não tem salário a receber.

Recomeça tudo de novo:
O Sinpro recorre ao Poder,
Volta à mesa de negociação
E uma chama começa a acender.

A história se repete.
Todo ano vê isto acontecer.
O Sindicato chega à escola,
É hora de se fortalecer.

Inicia-se tudo de novo,
Novas batalhas a percorrer,
Professor não foge à luta.
E nem se deixa abater.

Está firme na caminhada,
Não tem medo de sofrer.
Com greve ou sem greve
Ele faz a educação acontecer.

Vida de professor é uma guerra
De esplendor e de padecer.
Mas ele faz de cada batalha,
Um motivo pra crescer.



Ana Maria dos Reis Cunha Magalhães

Ana Reis é natural de Carmo do Paranaíba, MG. Formou-se em Letras pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Patos de Minas, em 1989. Em 1990, mudou-se para Brasília, onde trabalhou em escolas particulares. Em 1997, foi aprovada em concurso da SEEDF, como Professora de Língua Portuguesa e concluiu Pós-Graduação.

Começou a escrever em 2001 e lançou os livros: *Saga Mineira* (romance regionalista) e *Minha Alma Azul* (poesias). Participou de três coletâneas de poesias: pelo SESC (2004), pela Academia Taguatinguense de Letras e pelo Sinpro-DF, ambas em 2007. Em 2011 lançou o seu terceiro livro: *Suprvida* - contos e crônicas.

Em 2012 Ana Reis participou da 1ª Bienal do Livro e da Leitura de Brasília. Tomou posse na Academia Taguatinguense de Letras. Como Acadêmica Benemérita, o seu nome foi inserido no terceiro Dicionário dos Escritores de Brasília, do Escritor Napoleão Valadares.

Atualmente escreve *Sertão de Maravaia*, seguindo a sua vertente regionalista. Tem um livro infantil pronto para publicar e como cordelista *O Cordel: Zezin e Quinzin na Sustentabilidade*.

Fragmento do Cordel

Zezin e Quinzin na Sustentabilidade...

(...)

Lá do arto da Serra do Cipó, via vermelho o horizonte...
Que se mostrava perto...como no deserto...uma miragem.
Muito longe uma lua alumiava...já era noite...e Zezin
Adentrou numa estrada vermelha de terra, numa ponte
Vinha, depois de uma curva, uma triste figura, o Quinzin.
Parecia memo era um mendigo... o pobre do Quinzin.

- Uai, sô! Da donde tá vindo uma hora dessa, home de Deus?
- Uai, sô! E ocê tá vindo da donde? Uai, eu tô nessa Serra...
- Fazendo o quê? – Percurando minha formosa Florzinha...
- Que florzinha? O que mais tem nessa Serra é florzinha!
- Mais a que eu percuro é gente, home de Deus!
- Cumo assim? – É a mais linda moça dessa Terra!

Eu chamo Zezin e ocê? Joaquim, se quiser, Quinzin.

Nossinhora! – Quinzin, ocê é donde de Minas Gerais?

- Uai, sô! Eu sou daqui memo, eu num tenho moradia não.

- Eu sou de Beraba, município, ou mior, das Gerais.

Tem mais de mês que percuro Florzinha, aqui, Quinzin!

Ela mora aqui? – Morava, porque num achei não!

Uai, sô! Eu conheço quase todo mundo nessa região.

Ando vagando por essa Serra...conheço muita gente!

Vai que eu conheço sua Florzinha! Fia do Seo Zé

E de Dona Maria, lá da Serra do Cipó, gente!

Zezin, home de Deus! Ocê quer Florzinha, nesse chão!

Vamo pensar...sua Florzinha, Zezin, cumo ela é?

Bão, vista por meus zoios é linda, clarinha de doer!

- Que isso? – quer dizer que ela é branquinha?

- Ah, bão! Os zoios é azu, preto vermeio veerrde...

- Perái, ocê já viu zoio vermeio? – Só de bicho!

- Num impoorrta o que impoorrta é que Florzinha
É magrinha, branquinha e tem os zoios veerrde!

- Miorou! Intonce que nós pudemo perguntar:

Por Florzinha, que é gente, magrinha, de zoio veerrde,
Branquinha, perdida do Zezin, o seu amoorr!

- Pode! Uai, sô! Assim tá bão demais e vamo andarr...

Ô Quinzin! Ocê carrega esse peso, nesse caloorr!!!

- É o peso da vida nessa Serra torta e veerrde.

Zezin, faz um tempo grande que ando por esses trios

Conheço muita gente boa, que até me recebe bem.

- Uai! Bem que nós podia passaarr por lá, bebeerr café,

Comeerr pão de queijo, perguntaarr pelos fios

Quem sabe ês num têm uma fila, assim, que nem

A Florzinha, é... num custa nada...quando é fé, né!

- Pois, é! Né? Seo Zezin, que nome é o seu memo?

- Uai, sô! Eu chamo José Maria Armando Cruz.

- Nossinhora! Que nome mais estranho, Virrge Maria!

- Virrge Maria, digo eu! A cumo é o seu...memo?

- Bão! Quinzin é apelido, mais o meu nome num tem Maria...

Contudo é Joaquim Felizberto Pinto de Avestruz

- Nossinhora!!! Virrge Maria de todas as cruzes!!!

- Ocê tá rindo do quê? Que nome esquisito, uai!!!

- Esquisito é bondade sua! Num vamo brigarr! Tamos quites!

- Ocê tem nome de muié e eu tenho nome de Avestruzes!

E o Pinto, inda, vem de sobrenome, quer mioorr, uai!!!

Nossos pais beberam cachaça demais e tamos quites!!!

- Mais, Quinzin, ocê num pissui nada de seu memo?
- Já pissuí... hoje minha casa é o céu e a natureza!
Aqui, eu sou o guardião dessa belezura de Deus.
- Quer dizer que ocê veve na chuva, no sol memo?
- Uai, sô! Na chuva tomo banho... o sol é a fotaleza...
Um clareamento do mundo e de todos os seus.

- Ocê, Zezin, num gosta de florzinha, árvores, flores?
- Quinzin, tem parecença que num bate bem das ideias!
- A Florzinha cocê percura nunca existiu de verdade...
É uma ilusão... ocê gosta memo é de florzinha de flores.

Que dá na terra, no nosso chão. Nossa vida de ideias.
- Quinzin, por-cause-de-quê cocê fala desse jeito difirce?
Ocê sabe leerr, escrever, tem leitura memo de verdade?
- Uai, sô! Sei. Eu trago nesse saco o peso do sabeerr.
- O quê cocê tem nesse saco, na bem da verdade?!
- Livros, revistas, jornais, documentários e serviço.
Tudo que precisamos saber sobre *sustentabilidade*.

- Nossinhora! Que nome grande demais da conta, sô!
Em que Planeta que você vive, homem de Deus do céu?!
- Uai! Num sei! Sei que nasci no município de Beraba!
- E Uberaba fica onde? - Uai, em Minas Gerais, sô!
E Minas Gerais fica em qual país, ô Zé Manel!
Uai, sô! Eu acho que é o Brasil, ou num é nada?!

- Acertou, Zezin! E o nosso Planeta, como fala?
- Agora, ocê me pegou... uai! Num tô sabendo!?
- Zézin, é a natureza, essa maravilha do Planeta Terra!
- Quinzin, ocê tá fazendo hora com a minha cara?!
- Eu acho que ocê é doutoorr disfarçado nessa terra!
- Sou mesmo! Sou jornalista. Estava brincando!

Vamos para uma Pousada e essa inhaca tirar, viu?

- Uai, se é ocê que tá falando, quem sou eu... coitado!

- Zezin, ocê é uma pessoa, um cidadão importante.

- Pra mim cidadão é uma cidade grande, iguale Belzonte!

Intonce, aquele nome feio num é o seu, mais foi bem bolado!

Ocê tava era zombando do meu nome esturde, viu?

- Zezin, Belo Horizonte é minha terra. Sei falar como você
Só que estudei jornalismo e vim trabalhar na Serra do Cipó
Ensinar para todos das pousadas o que é *Sustentabilidade*.

Antes que o nosso Planeta verde e incolor, vire somente pó!

Já sei... a palavra incolor é a cor que água...precisa ter.

- Nossa, Quinzin, ocê é um home muito bão de verdade.

- Já fiz o mapa regional, a Pousada é bonita e sustentável.

Aqui, só se anda em trilhas protegendo a biodiversidade.

Temos que ser politicamente correto, em qualquer lugar.

Hoje, a Educação Ambiental é obrigatória e responsável.

Zezin, todas estas palavras entre outras vou te explicar

Fique calmo vai guardando dentro de sua capacidade.

Acordaram esbaforidos... a noite passou num pestanejar.

No teto de uma frondosa paineira, prosa-vai e prosa-vem...

- Zezin!!! Ocê tá me escutando? Intonce levanta, home!

- Uai, Quinzin, ocê vortou falaarr iguale eu? Êta, esse trem...

- Esse trem o quê, Zezin? Ocê vai, agora te incomodar?

- Nãoo! Eu gosto. Só assim eu te intendo mioorr, home!

Ah, bão! Então, no alto da Serra... a *Pousada Sustentável!*

Quizin e Zezin, aos funcionários, se apresentaram...

Num ar de muita graça, Zezin disse: - eu tô mais Quinzin...

Onte cunhecemo e viramo amigo e percuru Florzinha!

Ocêis conhece minha Florzinha, zoios veerrde e clarinha?
Às gargalhadas, puseram a puxar mais conversa e Zezin
Na caipirice: - pois é, ocêis Florzinha não cunhecerum?

Quinzin viu que tinha arrumado um parceiro de peso.
Da humildade, da ingenuidade e da sustentabilidade...
- Bem, pessoal! Esse meu amigo não faz nenhum tipo.
É assim de verdade... alfabetizado, será um cidadão de peso.
Na comunicação de massa verde como novo arquétipo
Para conscientizar a nossa gente e toda a humanidade.

Quinzin, noite e dia, dia e noite ensinando Zezin a ler.
Zezin cuidou de si e ganhou um tratamento dentário.
De um hóspede dentista, do qual se pôs a entender
Com gente limpa convivendo e usar o vaso sanitário.
Vivia com revistas, jornais, panfletos nas pousadas
Explicando, ensinando e fazendo suas palhaçadas.

A Serra do Cipó, que antes não tinha atração divertida,
Agora tinha Quinzin e Zezin, na *Sustentabilidade*,
Em teatro, que de apresentação em apresentação
Viraram artistas respeitados por lá e na cidade.
Quinzin viu seu esforço e Zezin, de coração
Agradece, pois Florzinha era uma ilusão iludida.

Os dois trabalharam *Sustentabilidade* consciente,
Vários Slogans e frases de efeito inventaram:
“A natureza, nossa casa, nosso verde quer vida”!
“Quem quiser viver bem, viva verde sempre”!
“Sustentabilidade significa usar e cuidar: sustente a vida”!
“Sejam cidadãos! E não os que só, negaram”!
(...)



André Luiz Gonçalves da Rocha

Nasceu em Brasília - DF, em 12/08/1975. Reside no Setor “O” de Ceilândia desde 1976.

Estudou todo o ensino fundamental e médio em escolas públicas de Ceilândia. Formado professor pela Escola Normal de Ceilândia, em 1995, e depois em Pedagogia, 2006, pelo UniCEUB, após convênio firmado com o GDF. Desde 1997 trabalha na Secretaria de Educação do Distrito Federal, em Brazlândia.

Por influência de uma professora de Português, escreveu os primeiros versos. Participou, com sucesso, de concursos de poesia, dentre os quais o primeiro Troféu Candanguinho entregue pela ATL – Academia Taguatinguense de Letras, em 1992. Participou de coletâneas de poesias, em três estados: *Mil Poetas Brasileiros*” Vol. 30, do Instituto da Poesia Internacional de Porto Alegre, RS, 1994. *Projeto Aluno Escritor – Prêmio Ceilândia*, ASEFE, Brasília DF, 1994. *Ceilândia In Versos*, Ed. Lustosa, Ceilândia, DF, 1996. Coletâneas *Solte Os Bichos*, ENC, Ceilândia, DF, 1992 a 1995. *O Labirinto de Espelhos*, Ed. De Leon, Maringá, PR, 2007. *Coletânea Candanga*, Ed. ArtLetras, Ceilândia, DF, 2008. *Livro Diário do Escritor 2011*, Ed. Litteris, Rio de Janeiro, 2010. *Quase Todos os Sentimentos em Versos*, Poesias (a ser publicado).

É Acadêmico Benemérito da Academia Taguatinguense de Letras, desde 2012.

SALVE O PLANETA!

O triste é que a “salva” foi esquecida
E o melhor sentido fica o de resgatar.
Nossa Terra cada vez mais exaurida
E nosso tempo tão prestes a acabar.

Não vou salvar o mundo sozinho
Mas os meus braços não vou cruzar.
Agora você cruzou este caminho
E com sua parte poderá ajudar.

Não pense que é inútil pensar o bem
Combatendo todo mal que aí está.
Mesmo que a certeza é não ir além,
Certeza mesmo é pior poder ficar.

Então, mãos à obra e Salve o Planeta
Que seus filhos irão dele precisar.
Se tem o poder ou dom, use a caneta!
Muito antes que nada possa restar.



Benedita da Aparecida Leles

Nasceu em 10/11/1964, na zona rural de Luziânia, GO. Filha de lavradores de um família de 7 irmãos. Graduada em Biologia, professora aposentada da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal.

Árvore do paraíso

As mangas estavam maduras.
Em meio à primavera,
Grossos troncos
Enlargueciam o diâmetro das pernas.
Fixas sem medo,
Pareciam unhas de gato,
Dedos de macaco.
E subia
Escalava sem rapel.
Parecia mais um pássaro.
Parecia um papel.
Era apenas uma menina
Se lambuzando de mel.
Era apenas uma menina
Alcançando o céu.

Pequeno Lírio

Em campos de cerrado,
Perto dos brejos
Nasce um lírio pequenino.
Já é verso só olhar,
Tem cores penetrantes,
Pétalas cintilantes,
Dá desejo de tocar.
Delicado como um copinho,
Seu nome é copo de leite.
Folhas grossas e destoantes
Da macega ressecante
Nasce em cor branca,
Lilás, carmim, rosa, azul.
Quando juntas em ramalhete,
Que beleza de enfeite!

Vereda

Morrinho de um lado,
Morrinho de outro.
Rasga uma grotta
Nasce um regato
Protegido pelo mato.
Árvores fartas, em volta
Protegem a nascente.
Muitos pássaros coloridos,
Água transparente.
Escuta alguns gemidos
Dos bichinhos barulhentos.
Esta é a vereda,
Que você vendeu,
Por alguns centos.



Benjamin Francklin dos Santos

in memoriam

Natural de Paracatu, Minas Gerais, nasceu em 06/12/1954 e chegou em Brasília em meados de 1959. Aqui estudou e formou-se em Ciências Matemáticas no CEUB, em 1980. Como professor, trabalhou nos, hoje, Centros de Ensino Médio 02 e 03 do Gama e no Setor de Informática da DRE, Gama.

Participou de concursos de músicas e de poemas promovidos pela Asefe, pelo SESC e pela SGA-DF.

Teve a oportunidade de ser incluído em uma coletânea de poemas editada pela Asefe. Teve como lazer a leitura e o hábito de escrever, mais especificamente poemas.

Atraso sem rumo

O que deveria dá-se à lógica
Carrega-se de atraso sem rumo...
O planeta se lança em profundo desgaste,
Num enorme elenco de pesadas reações.

A natureza se põe modificada passo a passo,
Num profundo efeito que recai sem mando,
Sobre o presente em que os ventos sopram desastres...

A humanidade de agora se vê aflita ante o peso do erro,
Sem que surja a efetiva solução concreta fora de ilações.
Pois as complicações políticas que se põem à frente,
Estampam em si a imaturidade, ante o atraso de suas convicções.

Ante a tudo isto, fora do conceito ativo e necessário,
Fica a sustentabilidade, como ponto alheio do ato sério.
Enquanto o futuro se põe alijado de qualquer ação e critério.

Quando será da preservação?

Quando será

Que a natureza não será, mais e tanto mais, maltratada.

Quando será?

Quando se dará

Que o homem de tal desleixo, de fato, se envergonhará!

Oh! Criatura humana, que mora na terra há eras

Por que não da sustentabilidade da nossa casa se dá!

A inteligência há de ser faculdade para o progresso

E não ferramenta desastrosa do atraso pelo descaso!

Cadê a lealdade tão humana para com o planeta.

Atitude de zelo:

- Ato benfazejo pela preservação, na urgência que se planta!

Visão do erro

O descuido ativo e contínuo do homem moderno,
Atrasa-se, alheio e distante a tudo, o trato da sustentabilidade,

Num estranho jogo de vagos e perdidos encontros e encontros...
Onde a solução da preservação se dá, por atitude, à complexidade,
Mesmo ante aos ávidos protestos, em face do erro de postura de nações.

Cai mais uma árvore nativa.
Por legado? Não à naturalidade!
Mas, pelo homem e a realidade insana!
A motosserra: mal letal da modernidade.

O negro carvão que não suja tão somente o chão
Suja mais que tudo, por ilegalidade a razão!

O lixo corre para o rio, por força de ação,
Inundação!
O fogo que arrasa a mata, fora da sua intenção,
Devastação!

Faz que a natureza perca o brilho sem paz!
Na perda da sua exuberância que então se faz!

Até os mares rendem-se à radioatividade
Produto do lixo atômico sem fronteiras...

E os ares se põem aceitos de nuvens tóxicas
E as chuvas mansas nos lançam águas ácidas.

Ante o estrago que se dá no silêncio dos tempos...
O planeta que viaja há eras, move-se incapaz!
O que deixa à deriva, dos erros sem máscara, a humanidade!



Brasilene Martins Morais Ferreira

Nasceu em 1963, na Capital da República. Desde pequena, por volta dos 10 anos, já escrevia seus poemas e cartas para os vizinhos nordestinos, que saudosos de suas famílias e cidades de origem, não tinham nenhum letramento e se valiam de sua ajuda para dar notícias aos entes queridos. É casada com o professor e engenheiro eletricitista Paulo Henrique Rodrigues Ferreira, com que tem três filhos: Lucas, Léia e Elisabete.

Formada pelo UniCEUB, é professora de Língua Portuguesa da SEEDF, desde 1986. Aposentou-se em abril de 2013. Tem vários textos em prosa e verso. No entanto, ainda não os publicou. Participou do Projeto *Poesia nos ônibus* e foi selecionada, à época do Governo de Cristovam Buarque para que um dos seus poemas circulasse pelos ônibus da Capital. É pós-graduada em Gestão Escolar pela Universidade de Brasília.

A Sustentabilidade e o Trabalhador da Educação

Sabe-se que a educação
É um processo atemporal.
Por isso o professor é parte
Deste processo estrutural,
Pois constrói ações positivas
Para este mundo desigual,
Utilizando e estimulando
Da tecnologia o uso racional.

Os espaços escolares,
O professor pode gerenciar.
E assim todos os cantos
O aluno vai aproveitar,
Sem agredir o meio ambiente
E melhorando a vida escolar.

É importante que o educador
Imprima no aluno a seguinte noção:
Não basta pensar no presente
E sim em uma futura geração,
Não deixando que o planeta
Acabe na total degradação.
O professor é aguerrido,
Até na luta pela preservação.

Deve-se ensinar ao aluno
Que há uma completa destruição
De várias florestas nativas,
Sem qualquer reposição.
E isso a longo prazo
Só trará desolação,
E paisagens inteiras
Do planeta sumirão.

Como é importante
O papel do professor:
Imagine uma aula de
uma agricultura com amor.

De comida sem veneno,
Ou com uso racional,
Do chamado agrotóxico
E seu efeito letal.

Conscientizar o trabalhador
Que é preciso modernizar,
Não só a zona urbana,
Mas também a rural,
Levando outras alternativas
De uma agricultura legal,
Com soluções ecológicas
E de uso racional.

É na escola que se pode
E se deve implementar,
A horta com defensivos biológicos
Para a garotada aproveitar,
Legumes e verduras
Sem ter que se envenenar.

E na aula de história
Aprender mais sobre o meio rural,
Que mulheres e crianças
Tem um valor sem igual,
Pois com a juventude engajada,
A mudança será fenomenal.

Por isso o papel do professor
É tão importante na sustentabilidade.
Sem ele não há formação,
Não há mudanças de verdade,
Não há , portanto, capacitação,
E nem da sociedade civil,
A chamada mobilização.

E o lixo, o que fazer?
Nesta hora é preciso refletir,
O que se produz é muito
E não há como fugir.
Temos que ser racionais
E procurar reagir,
Não sujando o futuro
Com o lixo que produzir.

O professor é sim uma peça central
que vai gerar um país,
com projeção mundial,
Por poder implementar
uma sustentabilidade real.



Cícera Liberato

Oriunda da região nordeste. Mora há décadas em Brasília e reside na cidade do Gama.

Há 15 anos faz parte do quadro da Secretaria de Estado de Educação e atualmente se dedica à educação de crianças surdas.

Consciência Ecobag

Corre! Ainda há tempo de
Molhar os pés nas cachoeiras,
Reverenciar a fauna, a flora, a vida.
Contemplar o céu azul...

Aproveite!
Inspire a brisa mansa e refresque tua alma.
Acaricie a maciez das flores !
Escute! Ouça a música livre dos pássaros!

Mas um pouco de tempo... Só um pouco de tempo e...
Teus filhos, teus afetos ... teus semelhantes...
Talvez não conheçam e sintam o que tu ainda podes ver.
A beleza que vês e sentes ainda...
Pode ser resumida em uma mídia de formato redondo!
Só deixarás isso para as gerações futuras?

Corre! Abre tua consciência social! Cuida ! Ainda há tempo!
Melhore as tuas relações de cuidado!
Cuide do que te garante vida!
Cuide do outro!
Partilha com fraternidade a riqueza da terra.
Não prostitua a terra inesgotavelmente...
Agradeça-lhe a generosidade, os frutos, as bênçãos...
Dê-lhe descanso! Respeito!

Não te mates com tua fome insaciável de consumo!
A tua fome de consumo... Mata Gaia , a casa de todos e todas!
Cuide! Resgate! Salve!
Não deixe que a tua Sustentabilidade...
seja apenas um modismo de *Ecobag!*

Minha sustentabilidade,
Não a qualquer ameaça da vida!
Fé e esperança no sangue daqueles que tombaram...
defendendo nossas fontes de vida!
Sangue que irrigou o chão, fecundou consciências...
Para abraçar, salvar Gaia a casa de todos e todas!

Não quero uma consciência *Ecobag!*
Quero uma consciência de ação, do cuidar! Salvar!



Dilma Rodrigues

Nascida em Presidente Olegário - MG, em 11/08/1964.

Tem um casal de filhos e um neto.

Sempre gostou de ouvir, contar, ler e escrever histórias, poemas e poesias.

Reside em Valparaíso de Goiás e trabalha no Gama, DF, como professora do Ensino Fundamental I.

Sereno

Sereno da madrugada vem caindo,
choro das nuvens vai molhar
débeis e robustas plantas,
pacientes esperam o nascer do sol.
Caindo... sempre caindo.
Acordando flores dorminhocas.
Silêncio!
O sol vai nascer.
Algazarra!
O verde banha de dourado.
Por poucos instantes o orvalho se esvai e
na próxima madrugada ele retornará.
Voltará sempre!

Discurso do poeta

Confesso que viajo a lugares desconhecidos,
assim como o meu eu.

Todavia retalham-se sentimentos
espichados ao sol feito pele no curtume,
sem alma sem poesia.

Solta o chicote em tempo algoz
deixa correr nos trilhos do avanço
desse submundo modernista,
a liberdade do trabalho decente,
sem ignorar a simplicidade da vida
onde dividir é mais que somar.

No grito solidário companheirona,
com ou sem ideologia doutrinária,
respeitando os direitos conquistados
em busca da inclusão social,
nas vibrantes lutas trabalhistas,
bebendo o próprio suor como brinde;
fazendo a hora acontecer no braço,
na raça sem cor
correndo em becos e ruas das leis,
numa canção aflorida das leis,
numa canção florida de sonhos.
Fruto dominante de gosto amargo

juntando o antes, o agora e o depois,
nesse processo lúdico de conquistas.
Práticas regidas por outros valores,
tal qual a promoção da dignidade humana,
assim como respeito à natureza,
que nos alimenta do pão à água.
Contudo, a tal sustentabilidade verde
ecoa aos quatro cantos do mundo,
revendo conceitos da esperança
a reciclagens e reflorestamentos vivos,
nesse clamor ecológico quase morto
agonizando com as víceras expostas
alimentando os desfavorecidos da sociedade.
A sobrevivência real no vômito perverso
desse capitalismo neoliberal selvagem,
mas continuemos a combater a discriminação
com a defesa da igualdade,
na certeza que a terra é a raiz do ser
onde o homem é parte desse solo gentil,
no paradigma de produzir sem destruir.



Xiko Mendes

Francisco da Paz M. de Souza, natural de Formoso, MG, nasceu em 1968, mora em Brasília desde 1989. É Professor de História e Filosofia do Ensino Médio, graduado pelo Uni-Ceub, pós-graduado em Ecologia Urbana pela Universidade Católica de Brasília. É poeta, historiador, autor de nove livros. Tem textos publicados em várias antologias; sua vida e obra estão catalogadas no “Dicionário de Escritores de Brasília”, de Napoleão Valadares; foi analisado em tese de doutorado.

Fundou o Instituto Tradicionalista Formosense, em 1994.

Em 2005, Xiko Mendes fundou e foi o primeiro a presidir a UNIFAM - União Nacional de Integração entre Formoso, Autoridades e Amigos de Minas, entidade com sede em Brasília, DF, e Subsede em Formoso, MG.

É membro efetivo da Academia de Letras do Noroeste de Minas, em Paracatu; da Academia Planaltinense de Letras, em Brasília; da Academia de Letras e Artes do Planalto, em Luziânia, GO; e da Associação Nacional de Escritores - ANE, Brasília.

Atualmente, é fundador e Diretor do Jornal Portal da Transparência Formosense, da Ong *Unifam*.

Educar...

Educar...

É mais que vencer as barreiras difíceis.

Educar...

É não se contentar apenas com coisas possíveis.

Educar...

É colocar-se sempre na encruzilhada do saber
Sem impor a escolha prévia de nenhum caminho.

Educar...

É desprender as flores dos espinhos
Apreciando o néctar em sentimentos indizíveis.

Educar...

É desenhar na vida o melhor projeto
E lutar por ele com a paciência de um monge.

Educar...

É diminuir distâncias pois, se “devagar se vai ao longe”,
Então, que se eduque para o sonho e a esperança.

Educar...

É penetrar fundo em nosso próprio universo.

Educar...

É dar um toque mágico à imaginação criadora.

Educar...

É ver a dialética transformar o que é abstrato em concreto.

Educar...

É uma permanente ação libertadora.

Educar...

É mais que a busca egoísta do sucesso.

Educar...

É levar o homem a sonhar percorrendo o infinito.

Educar...

É entregar-se, na hora certa, ao silêncio ou ao grito.

Educar...

É fazer tudo que para o mundo pareça incrível.

Educar...

É romper as fronteiras do impossível!!

Luto por um/a educador/a

Hoje o dia amanheceu mais triste,
Pois o dia em que morre um/a educador/a,
Morre com ele/a um pedaço da humanidade.
Quem educa redime a alma, liberta o mundo.
Quem educa conversa com anjos subversivos e
Dialoga com a natureza selvagem, indomável.
Quem educa vai aos céus antes da morte
E celebra com Deus a redenção do homem.
Quem educa transforma vidas,
Constrói sonhos de centenas de pessoas,
Ergue castelos no imaginário,
Edifica paredes e escadas que nos levam longe.
Quem educa, acima de tudo, é um semi-Deus,
Mensageiro do amor, do conhecimento
E, sobretudo, guia supremo da virtude.
Quando morre um/a educador/a,
Morre quem escreve na alma,
Lapida o homem e o mundo,
Fazendo revolução em silêncio.
Hoje morreu um/a educador/a.
Não era a pessoa mais importante do lugar,
Mas ficará eternamente nos corações de
Cada estudante, de cada pai de família,
De cada ser que se transformou em suas aulas.
Hoje morreu quem mais contribui para
A humanidade melhorar e estar em constante evolução:
Morreu um/a educador/a!!!
Mas não morrerão nunca os sonhos, o compromisso
E a vocação sacerdotal desse/a educador/a,
Em querer sempre e eternamente um mundo melhor.
Um ser humano cada vez mais humano,
Mais ético, mais sensível e, especialmente,
Mais digno de ser gente.

Vozes de um filho do morro do Barreiro

Eu sou a voz que hoje implora no deserto
Contra a ignorância e a dor da indiferença.
Sou a voz de quem nas praças faz protesto,
A favor da construção de nova consciência.

Uma nova consciência contra os indiferentes:
Aqueles que nada fazem para mudar o mundo.
Só cruzam os braços e manipulam os inocentes,
Enquanto disseminam oportunismos iracundos.

Sou a voz oposta às bruxas do coronelismo.
E sou a Voz que celebra o valor da tradição.
Também sou a voz contrária ao analfabetismo;
Contra aqueles que dificultam a transformação.

Eu sou a voz que glorifica a vida comunitária;
E a voz que sustenta os pilares da democracia.
Eu sou a voz que quer uma cidade humanitária
E a voz das ruas e praças, triunfando noite e dia.

Eu sou a voz rouca e silenciosa do Zé Ninguém.
E a voz contra a injustiça e a omissão coletiva.
Eu sou voz que luta contra o mal, a favor do bem.
É essa a força que me torna feliz com voz ativa.

Essa é a voz contra os aprendizes de ditadores!
Essa é a voz que sempre usarei enquanto viver.
Viva a liberdade de expressão contra censores!
Essa é a voz do povo contra os donos do poder!

Em memória da professora Julieta

Não pensem vocês que essa é uma tarefa fácil:
Prestar a mais bela e merecida homenagem,
Para a mensageira da Última Flor do Lácio,
Defensora permanente da boa linguagem.

Para ela cada palavra tinha magia e beleza;
E a frase exigia a melhor entonação estética.
Para ela somente um bom texto era a certeza
De que o nosso idioma é uma dádiva poética.

Em toda a sua vida educou várias gerações
Ensinando-as a usar bem o nosso Português.
Não admitia erros crassos e fazia correções,
Certa de que diminuiria a nossa estupidez.

Aprendi com ela que a Língua Portuguesa
Precisa de respeito às suas regras clássicas.
E ela em toda a minha vida foi, com certeza,
A maior e melhor professora de Gramática!!

E ela ensinou-me as dez Classes Gramaticais:
Verbo, pronome, artigo, preposição e adjetivos.
Também o uso das conjunções e dos numerais,
Além de interjeição, advérbio e substantivos.

Em sua terra foi a musa guardiã da palavra;
Foi a protetora do bom uso de nossa Língua.
E a ela todos recorriam se alguém duvidava
De frases ditas em prosa ou na forma de rima.

Que o seu nobre exemplo possa ser seguido.
Hoje, falar ou escrever bem não é prioridade.
Que então ela seja, como educadora, um símbolo
Do nosso amor à Língua e ao culto da verdade.

Que lugar é esse...?

Que lugar é esse, onde a nossa Educação
Não é prioridade nos projetos do governo?
Que lugar é esse em que não há valorização
E professor vive isolado do que é moderno?

Que lugar é esse onde um pobre professor
Prepara aulas como nos tempos de outrora?
E onde não há laboratório de computador,
Nem internet banda larga, nem copiadora?

Que lugar é esse onde as velhas escolas,
Há décadas precisam de transformação?
Que lugar é esse onde um salário-esmola
É, para o professor, sinal de humilhação?

Que lugar é esse onde o transporte escolar
É um ritual de sofrimento para o estudante?
Que lugar é esse onde aluno tem que andar
Em ônibus velhos que não seguem adiante?

Que lugar é esse onde se paga pra trabalhar?
Onde professores sofrem como na escravidão?
Onde a merenda ainda precisa muito melhorar?
Onde o povo, calado, não faz reivindicação?

Que lugar é esse, que ignora a modernidade?
Não dá cursos ao professor para atualização?
E não moderniza o ensino para que a cidade
Possa entrar rápido em nova era de evolução?

Esse lugar é onde o povo não sabe de seu poder.
É onde professores, sozinhos, mudam a realidade.
Mas também é o lugar onde é necessário eleger
Governantes éticos que cuidem melhor da cidade.



Francisco Joaquim Alves Chico do Gama

Natural de Jati, CE, chegou em Brasília em 1961, fazendo parte da história dos retirantes.

Do sertão nordestino, escolheu o Gama como cidade do coração. Formou-se em Educação Física pela Faculdade Dom Bosco. Em 1980 ingressou na Secretaria de Educação do DF. Especializou-se em Educação Física e, desde então passou a trabalhar com crianças, na Escola Normal do Gama, buscando através das diversas linguagens, o despertar de uma consciência crítica transformadora.

A partir daí, passou a desenvolver trabalhos poéticos. É participante combativo na luta dos professores e dos movimentos sociais. Foi eleito e reeleito por duas vezes diretor do Sinpro-DF.

Autor dos projetos: *Sinpro nas Praças*, publicação de *Coletâneas Littero Poético Musical*, desenvolvidas pelo Sinpro-DF. Autor de quatro poesias no livro *De Mãos Dadas Seremos Fortes*, que deu origem ao projeto.

Diga não ao preconceito

Não quero ser apenas cinquenta por cento da população.

Sou cem.

Quero os meus direitos justificados.

Tu que te achas a outra metade, me exclui.

Detesto exclusão! Por isso luto!

Por não gostares do que faço, afasta-te,

A ponto de tua miopia ignorar a voz dos nossos antepassados.

Se os ouvissem,

Sentirias que há um líquido rubro a escorrer no dorso de cada pele negra.

Esse sangue é o mesmo que conduz os nutrientes de nosso organismo.

Ele é justo: de tudo que recebe, leva a cada órgão a quantidade disponível ao desenvolvimento corpóreo.

Porém, nem sempre recebi a quantidade necessária.

A labuta me fez resistente e ninguém ousa questionar minha velocidade.

Não te assustes!

Só quero estar paralelo a ti, na linha de partida.

Compreendas! A cumplicidade do sangue está para o corpo,

Como a justeza das cotas para a sociedade.

Margarida

Pra não dizer que não falei das flores,
Falarei dela.
Símbolo dos educadores,
Um exemplo de vida bela
Que nos ensinou a resistir,
Jamais baixar a cabeça,
E disse sem reprimir
A cada um, o que mereça.
Não na ótica dos ditadores,
Tão pouco dos individualistas,
Mas na visão dos defensores
Do ideal socialista.
Demonstrou com gravetos
A força da união.
De posse de alguns garavetos
Quebrou-os com as próprias mãos.
Um feixe de cavacos então
Entregou a um discípulo.
Cobrou dele a mesma ação,
O que dela já tinha visto.
Não é difícil imaginar,
A frustração do educando,
Pois não pode realizar,
Da mestra o seu comando.
Como numa conferência
À beira da sua campa.

Com toda a sapiência,
Cada um com sua estampa.
Declarações de modos vários,
Eu ouvia com atenção,
Próprias de um relicário
Guardadas a quatro mãos.
É claro que aquela flor,
Já não respirava mais
Enquanto os polens do amor
Rendiam-lhe as homenagens.
Talvez eu seja o discente,
Que menos conviveu com ela,
Orgulhoso de minha mente
Aprendiz desde a capela.
Agora em sono profundo,
Não sabe do saber confesso.
Por isso eu entrego ao mundo,
Margarida em forma de verso.

*A todas as mulheres, que assim como as flores,
exalam o desejo de bem estar e liberdade.*



Gilvan José Vieira

Goiano de Formosa, do cerrado do Planalto Central, próximo do Vale do Paranã.

Com dezessete anos, em companhia dos pais veio residir em Taguatinga, DF, onde estudou e tornou-se profissional. Formado em Ciências Físicas e Biológicas e em Psicologia Clínica foi professor, na Secretaria de Estado de Educação do DF e em outras escolas da rede particular de ensino.

Sempre trabalhou no campo das Artes, dedicando-se mais à Literatura. Aposentado, procura participar da vida cultural, artística, política e religiosa da cidade e dos movimentos e lutas do Sindicato dos Professores do DF.

Entre suas publicações destacam-se: *Filhos do Sereno*, 1986; *Diamante para Amantes*, 1987; *Formosa Cidade e Povo*, 2010 e *Genealogia da Família Viera*, 2013.

Olha a onça aí, gente!

É onça na rua...
Será de onde ela vem?
Vem do mato!

Perdida, coitada!
Desorientada com tantos desertos,
Descampados,
Lavouras a perder de vista!
Quando se assusta,
Tá numa estrada.
Corre desesperada procurando mais mata.
Cadê?

Onde as árvores,
As capoeiras, os matos, o cerrado,
A mata fechada?
Onde o emaranhado de folhas?
O abrigo seguro, escuro,
O mistério do escondido,
O espírito da Selva,
O Curupira,
A mãe natureza?

Quando pensa que não, Óia!
Tá na cidade!
Ameaçada, ameaçadora!
Apavorada,
Humilde, humilhada,
Laçada, presa!

E saindo no Jornal Nacional, para deleite dos homens!
Dos imbecis homens.

CRUELIDADE

Cruel Realidade

No meu caminho de casa
- moro em Taguatinga Centro –
Encontro pelas calçadas,
Rolinhas do mato disputando
Com pombos, migalhas de alimentos.
Mais à frente,
No galho de uma árvore retorcida,
Resquício de um longínquo cerrado,
Um casal de João-de-barro atrevido
Canta, em meio à barulhada dos carros!
Acho esquisito, admirado, volto
E vejo lá em cima da árvore,
uma casa de João-de-barro,
Feita de barro, no meio do asfalto!
Bicho do mato na cidade!
Que maravilha!
Que Crueldade!
“maldade das pió”
Não deveriam estar eles nos campos?

Soltos, entre riachos e cascatas,
Ciscando na poeira da terra solta,
Se escondendo no meio das matas?!
Que matas?
Se lá agora tudo é deserto
É máquina pra todo lado,
Veneno de soja que mata,
Naquele mundão de verde assassino,
Que some a perder de vista!
Na cidade é melhor:
Tem muito lixo nas calçadas,
Muita comida jogada,
Muita água dos lava a jatos
Ou suja, nos buracos do asfalto...
A vida aqui parece ser mais fácil!
É bicho misturado com gente,
Um amontoado de desgraçados
Perdendo terreno para o famigerado
Capitalismo selvagem e
A besta da ganância
Do homem Civilizado!

Voz do espírito do cerrado

Deixe o Cerrado em paz!

Você não me conhece!

Quem é você que aqui tá chegando, ó forasteiro?

Metendo a mão e revirando o meu capim,

Arrancando árvores pelas raízes,

botando tudo de pernas pra cima

como se fosse a casa da mãe Joana?

Espantando os meus animais e

Tapando os meus olhos d'água

que você chama de arrolhos,

Deixando um rastro de destruição,

Fazendo dos meus campos,

um deserto sem fim de terras reviradas.

O quê lhe parece as minhas árvores tortas?

Fantasmas que lhe aborrecem?

O quê você conhece de minha história?

O quê você sabe de minhas terras, meu solo?

Minha poeira vermelha?

Do vento que corre solto, fazendo curva

Nas minhas árvores retorcidas,

Arrancando-lhes segredos que só as estações lhes contaram?!

O quê você sabe de minhas entranhas e

Dos milagres que elas escondem?
Escondo segredos dos seus olhos.
Oh! Estranho estúpido!
Não os escondo do meu sertanejo,
Do homem do cerrado, filho meu,
muito meu de longas eras!
Pare de esfolar o meu dorso,
semear venenos e ervas daninhas
em meu coração.
Onde andam as minhas veredas e os meus buritizais?
Minhas rolas e rolinhas,
Minhas juritis, pombas verdadeiras e
Meus pombos selvagens?
E o vento?
Meu vento ligeiro que agora perdido
se espalha pelo ermo dos descampados...
Pobre vento solitário!
Devolva-me o meu legado,
Meus filhos e meus tesouros,
Meus segredos, meu santuário.
Quero o meu ecossistema de volta.
Quero o meu serrado Cerrado!

Destempero

O bezerro,
Fraco pela fome,
Não espera pela morte chegar.
Ele tenta se levantar,
Reagir.
Mas, inevitavelmente ela chegará.
A seca é grande,
A fome,
A sede,
Já grudaram em sua pele.
Ele não resistirá!
Vaticina seu dono inexoravelmente,
Enquanto eu assisto televisão,
Com o ar condicionado,
Ligado.

Delícias

Dentre as coisas deliciosas da vida,
A mais deliciosa é ter avô e avó!
Doce como um mel,
Minha avó não me feria
Só me adulava!
Meu avô me chamava de menino levado
E cantarolava, distraído com a vida.
Nem se importava se eu corria pra lá e pra cá,
Quantas vezes eu queria.
E se desejava passar o tempo,
Chamava-me: menino danado,
Vem acender o “pito” pro seu avô!
E lá ia eu, com o bico molhado
Assoprando a brasa do cigarro:
Fuuh! Fuuuuh! Toma vô!
E saía apressado
Chicoteando o cabo da vassoura,
Meu cavalo de pau, rumo ao fundo do quintal,
Onde muitas aventuras me esperavam...
Adioós! Adeus!



Jailson Kalludo

Professor, jornalista e poeta nasceu em Brasília, em 07/02/1968. Filho de nordestinos, Deuclecio Sousa e Raimunda Pereira da Silva Sousa, estudou em escolas públicas e depois concluiu os estudos no supletivo JK. Em 1990 entrou para a UCB, onde fez o curso de Filosofia, com Habilitação em História e Sociologia, terminando em 1994. Em 1995 iniciou o curso de especialização em Educação e terminou em 1997. No mesmo ano iniciou o curso de Comunicação Social na UCB, e o concluiu no ano de 2013.

Atualmente trabalha no CED 06, de Taguatinga. É militante do Movimento Negro e do Movimento de pessoas com necessidades especiais.

Manifesto Ecológico

Muita gente está chorando...
Mas ninguém chora aquela flor pisada.
A velocidade do vento leve
Leva a poesia dos rastros
Apagando seus velhos passos.
Folhas caídas neste chão
E o céu já não tem mais cor.
Pra onde foi aquele ar?
A água nos levará.
Nossa água nos levará.
O H₂O da vida
Está podre de nós,
Está sujo por nós,
H₂O era a vida.
Hoje só há vestígio de morte.
Não sabemos nem mesmo,
Se ainda estamos vivos,
No meio dessa poluição.
Lutas antiatômicas
Eliminando a população.
Hoje, amanhã ou depois,
Não nos importa,
Só sei que o verde
Grita de dor pelo futuro.
Aquele mesmo verde.
Já não é mais verde.
Já não é mais virgem.
Tiraram de seu seio
O vento outrora fresco.

Labuta e Marmita

O sol nasce e se põe
Todos os dias...
Que trabalho,
A lua e suas fases...
Cheia, nova e minguante!
Que trabalho...
A chuva cai...
Sementes, óvulos fecundam...
Em terras brutas!
Amansada por homens e mulheres,
Trabalhadores do campo,
Trabalhadores estes,
Com seus facões, foices, enxadas
E sua tulipa de barro para conservar água salobra,
Que sacia a sua sede,
Depois que come a marmita...
Que trabalho...
Trabalhador este!
Que leva em seus sobrenomes...
As riquezas do país!

Para o Brasil, cana de açúcar, pedras preciosas,
Ouro, gado, café, algodão, feijão, milho, mandioca.
O acultramento indígena...
E o negro que foi lê lê lê lê lê é!
Os pés e as mãos
Da história deste país!
Que trabalho!

Minimizar social

Guerras tribais...
Homens viris,
Mulheres, seios fortes e ancudas...
Boas para reprodução de negrinhos
E dar leite para os filhos,
Do senhor que não é Deus.
Levam em tolheras...
E lá me tomam como escravo...
Lei Áurea me liberta,
Mas continuo preso,
Na escravidão da ignorância.
O que me resta?
O trabalho braçal!
Mas é o meu corpo
Que sente a chibatada
Do cotidiano...
E por isso recebo
Um salário mínimo!
Mínimo este,
Que minimiza os meus direitos!
Educação, saúde, habitação, lazer.
Minimiza até o ar
Que eu respiro...
Enquanto cumpro pena
De algo que não fiz.
E não tenho o mínimo
Para pagar o advogado
Para defender-me:
O mínimo de cidadania...
A liberdade!!!



Jairo Mendonça

Nascido Wijairo José da Costa Mendonça, músico, poeta e arte educador. Oriundo das margens do rio Tocantins, trouxe para o planalto central a musicalidade de sua gente onde desenvolve seu trabalho em escolas públicas, festivais de música, entidades sindicais, feiras livres, associações de trabalhadores e espaços comunitários, em geral, produzindo e divulgando a miscigenação e a diversidade da cultura popular brasileira, através da música.

De concepção socialista, seu envolvimento com os movimentos sociais imprime a seus escritos temáticas progressistas e de sustentabilidade ecológica e humana. Neste sentido considera-se músico e poeta proletário onde encontra inspiração para produzir, e para quem direciona sua arte.

Cordel da greve

Em data, 12 de abril,
Do ano dois mil e onze,
GDF e Professores,
Acordo firmaram, em bronze
Celebraram, ambas as partes,
Como palavras de homem.

Os Eixos desse acordo,
Claro ficou, como o dia:
Plano de saúde a todos,
Sem muita burocracia,
Reformular a carreira
Buscando a isonomia.

Convocar os concursados,
Também ficou acordado.
Acreditando, os mestres,
Que tudo estava acertado,
Qual foi a sua surpresa,
Caminho foi transviado.

Chegando ao fim daquele ano,
Frustrada a expectativa,
Toda a categoria
Formou uma comitiva,
Em assembleia decretou
A contagem regressiva.

Marcaram data e lugar,
Pro confronto acontecer
08 de março, o dia,
Se o governo não atender.
Se não cumprir o acordo,
Que foi ao Sinpro fazer.

Pra fugir do compromisso,
O governo levantou
Um mote antigo e furado,
Que de FHC herdou,
A tal LRF,
Seu compromisso furou.

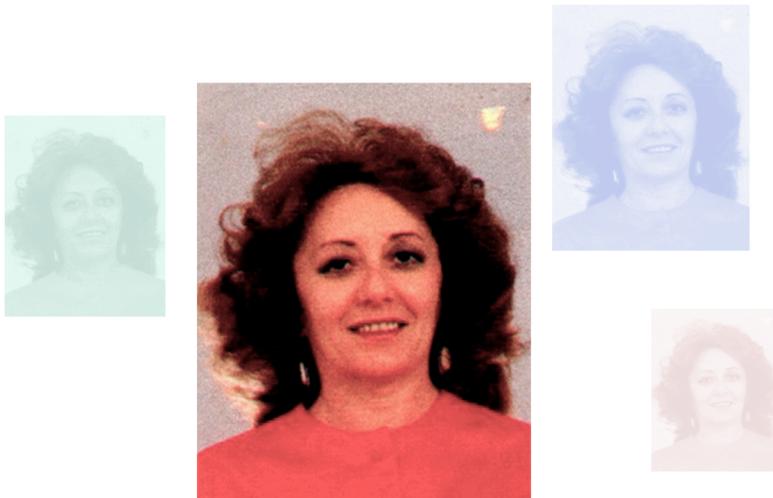
Como resultado disso,
Grande greve estourou.
Um dos maiores levantes
Que já se noticiou.
O governo ficou tonto,
Secretário, desembestou.

Piquetes se avolumaram,
Em escolas e Regionais.
Alunos, juntos com mestres
Marchando como iguais,
Mais uma batalha do Sinpro
Escrita em seus anais.

Os frutos desse levante,
Todos juntos colherão.
Quem lutou e quem fugiu,
Sem nenhuma distinção.
Por isso, junte-se agora,
A Esse bravo pelotão.

Não perca o bonde da história,
Senão ele te atropela.
Seja mais um nesse frente,
Não fuja pela janela.
Companheiro, a hora é agora!
Não me venha com balela!

Esse grande movimento
Marcará os corações
Dos Mestres desse planalto,
Será como inspiração,
Pra outras tantas bandeiras,
De uma outra educação.



Josélia de Carvalho Costandrade Civiletti

Josélia Costandrade, professora, pintora, jornalista e escritora, crítica de Arte, membro da Associação Internacional de Críticos de Arte - AICA.

Formação: UFRJ. Condecorações: Governo da Itália, Governo do Chile, Governo do Piauí. Livros publicados: *“A Pintura e seus mistérios”*; *“Os Anjos e a tradição hermética”*; *“Romanceiro do rio Parnaíba”*; *“Águas no terceiro milênio”*. Foi crítica de Arte dos jornais: Correio Braziliense; Jornal da UnB; Correspondente da Agência de Notícias Internacional Orbe Press.

Buriti

Palmeira do cerrado, as cabeceiras
do Parnaíba, guarda cuidadosa;
riachos, chapadões e ribanceiras
lhe oferecem morada auspiciosa.

Resistentes e fortes, grandes hastes,
matéria - prima das balsas ligeiras,
sobre as águas profundas, nos engastes
das casas, levantando as cumeeiras.

Nas escamas do fruto, ardente chama
do pôr-do-sol colorindo, a textura,
à saborosa polpa, que amalgama
os doces e bebidas, na feitura.

O contraste entre a rústica aparência
do buriti, a fibra delicada,
mostra que Deus costuma por na essência
da vida, muitas vezes modelada
nos reinos que sustentam a natureza,
as facetas diversas da beleza.
C'ó a força primitiva, exuberante,
a palma tem lugar predestinado e
nas mãos de um escultor mais diletante,
se faz brinquedo leve, delicado.

O Babaçu

Gigantesco, robusto, fortemente
firmado à terra, as palmas levantadas
eretas para o céu... Nem se ressentem
das secas, nem das chuvas demoradas.
“Boi vegetal”, de porte soberano,
vinte metros de altura, generoso,
talvez pertença ao reino sobre-humano,
desde a raiz ao caule tão formoso!
Matas de babaçu pelas chapadas,
beirando o Parnaíba, vigilantes,
formam hostes telúricas, sagradas,
guardando o rio em todos os instantes.

Das amêndoas, os cachos recheados,
Extraem - se opulentos dadivosos
duzentos frutos carnosos, pesados,
suculentos, macios, oleosos.

Chapada do Corisco

“Chapada do corisco” – Meio Norte,
já da Amazônia a influência aparece,
desde a vegetação que cedo cresce
exuberante e exhibe grande porte.

Trovoadas, coriscos, tão frequentes
em Teresina, entre dois rios, bela.
E o Parnaíba entre dois rios sela,
onde os raios do sol são mais frequentes.

Se no encontro das águas, o corisco
reflete no Poty dourado risco
de passagem febril, luminescente,

também no Parnaíba, todo dia
o corisco ligeiro, que arrepia
aparece vivaz, pontualmente.

Cerrado

“Caixa d’água do Brasil”, o cerrado
- do Araguaia ao Tocantins, as nascentes,
os pequenos e grandes afluentes
pelo País seguindo em todo lado.

As árvores meãs e retorcidas,
são relicários das espécies raras,
onde se encontram substâncias caras,
capazes de salvar milhões de vidas.

Grande incêndio parece no passado
todo o extenso bioma ter queimado,
deixando a marca de sua voragem.

Altas montanhas, vales chapadas,
profundas minas há muito lavradas
são contrastantes na imensa paisagem.

Caatinga

A “caatinga”, na língua nativa
dos índios tupis é “floresta branca”.
E que, durante a seca, a terra tranca
sua força pulsante, imensa e viva.

Mandacaru, jurema, unha de gato,
tão frequentes, mostrando seus espinhos.
E os juazeiros são pelos caminhos,
com seu verdor, um contraste no mato.

Verdejantes, viçosos umbuzeiros
e mais os resistentes cajueiros,
no cenário tão duro contrastante...

Mas, quando as chuvas caem veementes,
tudo transborda nas cores frementes
da caatinga, beleza exultante.



Laila de Mauro

Desde muito jovem gosta de ler e escrever poesia. Agora, aproveitou a oportunidade oferecida pelo Sinpro-DF para divulgar uma delas, no presente livro.

Ainda criança saiu de Serra dos Aimorés, interior de Minas Gerais, para morar em Brasília. Seu pai ajudou a construir a cidade que a cativou. Tornou-se brasiliense de coração.

Morou em um dos acampamentos das construtoras da capital, local que deu origem à Vila Planalto. Lá cresceu, brincando entre as árvores do cerrado.

Na pré-adolescência mudou para a cidade de Sobradinho, onde fez muitos amigos, estudou e lecionou em escolas públicas até se aposentar, participando de forma efetiva das lutas da categoria.

Com mestrado em Educação e aposentada da SEE-DF, passou a atuar no Ensino Superior.

Terra nossa de cada dia

A *terra* dá sinais...
Secas, aquecimentos, enchentes.
Chora...
Chuvas, inundações.
Revolta...
Terremotos, tornados, maremotos.
Adoece...
Tremores, desabamentos.

A *terra* reclama...
Tempestades, buracos, crateras.
Agoniza...
Vendavais, furacões.
Grita...
Incêndios, degelos, acidentes.
Sente...
As agressões frequentes.

A *terra* clama...
Mas o desrespeito continua.
Perfuram...
E penetram suas entranhas.
Cortam...
E devastam sua superfície.
Poluem...
E sacrificam seus seres viventes.

O homem que vê,
luta e sofre com ela.
O homem que não vê,
alienado, aumenta sua dor.
O homem que não quer ver,
explora e mata sem pudor
a *terra* nossa a cada dia.
Até quando?



Magnete Barbosa Guimarães

Meg

Nasceu em 26/06/1966, em Redenção do Gurguéia, Piauí e mudou-se para Brasília em 1983. Em 1986 ingressou na Universidade Católica de Brasília, onde estudou Pedagogia- Orientação Educacional. Em 1994 ingressou na SEE-DF, na Assistência à Educação, e na Carreira do Magistério Público. Atuou no Serviço de Orientação Educacional. É especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional, pela Universidade de Brasília/IP -1999. Atuou por três anos em Equipes de Apoio à Aprendizagem. Atualmente é Orientadora Educacional no CEMAB, em Taguatinga, e membro da Diretoria Colegiada do Sinpro-DF.

Obteve o 1º lugar em concurso de redação, promovido pelo GDF, quando aluna do Ensino Médio, em 1983. Participou de Saraus Culturais *Tribo das Artes*, *Varal de Poesias: Poetas Botando Banca em Baixo do Banco/SCS*, dentre outros.

Novo tempo

É chegado o tempo do salto,
Do drible
Um driblar com bola,
Com a vida.
De buscar a vitória
É chegada a hora!

Um driblar audaz,
No injusto, no ilícito;
Um desviar consciente,
Não submisso!

É chegado o tempo de desatar os “nós”,
De exaltar a voz dos amordaçados...
É chegado o tempo de acalmar os “ais”,
De gritar a paz,
E de querer bem mais!

É chegado o tempo de viver o amor,
De esquecer o horror,
De driblar a dor,
E de ser feliz!

É chegada a hora de lançar o vôo...
De buscar a taça!
Na copa,
Nas ruas, na praça...
É chegado o tempo e a vez das massas!

Ânsia

São povos diversos,
Em busca de sonhos...
Sonhos de paz,
De “mais”,
De iguais!

Sonhos-utopias,
De alegrias,
E na esperança
Um talvez de melhores dias...

Sonhos – dúvidas,
De “porquês”,
De euforia...
Na procura do “eu”,
Da valia!

E na espera indefinível,
A ânsia,
Refletida nos olhos,
Na boca, na alma!
Espera nas mãos estendidas
Que se lançam,
E avançam...

Eco...

Ecoa um grito no espaço sideral...
Um grito de alerta,
De guerra!
Pelo ar que asfixia, pela água que envenena,
pela terra!

Ecoa um grito de dor;
De devastação...
De um planeta ar, de um planeta água;
De um planeta verde que agoniza,
Dilacerando florestas, corações...

Eis o dilema do globo!
Do globo terrestre, que estremece...
Do globo ocular que se estarrece
Frente à destruição que acinzenta o verde,
A cor;
Que decresce a vida, o amor!



Manoel Jevan Gomes de Olinda

Nasceu em 26/10/1963, em São Gonçalo dos Inhamuns, Catarina, CE. Veio para a Ceilândia em 1979 e mora no P Sul desde 1981. É professor de História, no CEF 25, e pesquisador da memória candanga em Ceilândia. Em 1997 lançou o livro de parede *CEI, a CandangoLÂNDIA é Aqui*, do qual se originou o museu comunitário Casa da Memória Viva dos Candangos Incansáveis de Ceilândia e a Sociedade dos Pesquisadores e Pioneiros de Ceilândia-SppCeí. Em 2007 lançou o livro *A Ceilândia Hoje*, em parceria com o poeta Emanuel Lima, vencedor do concurso sobre o *Hino Oficial de Ceilândia*. É membro fundador da Academia Ceilandense de Letras & Artes Populares - ACLAP, na qual tem como seu patrono o imortal das letras candangas, Poeta Muralha.

Como educador participa, ativamente, de ações culturais e educativas com ideias e lutas no intuito de elevar a autoestima e a cultura dos habitantes de Ceilândia; além de grande apologista da cultura nordestina local, apoia e divulga as manifestações populares de repentistas e cordelistas, sanfoneiros de forró, quadrilhas juninas e oficinas artísticas. Pelo seu amor declarado à cidade tornou-se cariosamente conhecido como o Ceilandólogo.

Perguntas de um Candango que Lê

*“E quantos nordestinos com as mãos calejadas
foram expulsos após a inauguração de Brasília?”*

Neide Lisboa

Quem construiu os “postais de Brasília”?
Nos livros, só constam os nomes dos governantes...
Foram eles que ergueram os blocos de concreto?
E a “brazuca”, capital transferida mais de uma vez?
Quem a reconstruiu no Planalto Central?
Quais as “Casas da Dinda” com torneiras douradas
Que abrigaram seus jardineiros?

Na noite em que se concluiu a Esplanada dos Ministérios,
Para onde foram “os candangos” da sua construção?
A faraônica Brasília está cheia de eixos e monumentos:
Quem os construiu?
Sobre quem “postaram” seus arquitetos?
As “colunas do Alvorada” - tão decantadas - só continham o palácio?
Mesmo na legendária “Matança da Pacheco”,
Os empreiteiros clamaram pela GEB,
Naquela noite em que os confetes os encobriam...

O “peixe-vivo” JK construiu a Bras“ilha”:
Construiu sozinho?
Bernardo Sayão desbravou rodovias:
Não tinha ao menos um tratorista consigo?
Israel Pinheiro chorou a primeira cova do
“Campo da Esperança”: só ele chorou?
Lúcio Costa venceu o “curso do Plano Piloto”:
Quem mais venceu um concurso em Brasília?

Cada verso, uma glória...
Quem prepara os seus planos?
De “50 em 5 anos” surge um grande herói...
Quem paga as suas campanhas?

Tantas perguntas...
Quantas histórias...

() Adaptado de Bertold Brecht “Perguntas de um Operário que Lê” & Vladimir Carvalho
“Conterrâneos Velhos de Guerra”.*



Márcia Sabino Mendes

Nasceu em 19/01/1976, em Formosa, Goiás. É filha do empresário Pedro Sabino Mendes e da professora Irani de Souza Mendes. É a primeira de quatro filhos. Aprendeu as primeiras letras no Colégio dos Sagrados Corações, onde permaneceu até concluir o curso Magistério. Em 1997 graduou-se em Geografia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Ilmosa Saad Fayad atual UEG.

Atualmente encontra-se pós-graduada em Docência Superior pela Faculdade Integrada Simonsen - RJ.

Trabalha na Secretaria de Educação do Distrito Federal, desde 1998. Hoje se encontra-se readaptada, na função técnico pedagógica, do Centro de Ensino Fundamental 02, de Planaltina.

Nos tempos livres, dedica-se à criação de poemas, poesias, onde não há limite para a imaginação e o horizonte não se deixa encontrar.

Ei...

Precisamos preservar
para não faltar
é preciso agir
pra que fingir
vamos lutar para o planeta melhorar...

Não é fazer de conta
e querer tirar onda,
o planeta pede socorro
e eu corro...

Consumismo desenfreado
está pra todo lado
vamos economizar
para o planeta salvar...

O desperdício bate a sua porta
isso é o que importa,
seja solidário, consciente
aja de maneira inteligente
tenha ética, cuidado e precaução
e ajude a nação!



Maria Alves do Nascimento

Natural de Ceres, GO, cursou magistério no Colégio Estadual do Novo Gama, onde atuou como professora no Colégio Estadual do Céu Azul. Também atuou como professora de contrato temporário, de 1995 a 1997, na SEDF e em 1998 ingressou como professora efetiva. Atualmente atua na cidade de Santa Maria, DF.

Formou-se em Pedagogia através do PIE, na Universidade de Brasília e depois no curso de pós-graduação, em Matemática.

Procura seguir a teoria de Paulo Freire em sua práxis. Usa a arte e a poesia para resgatar a autoestima de seus alunos, pois atuou com EJA por alguns anos e com classes de distorção de série e idade. Também usa a poesia para se expressar quando se indigna e é silenciada.

Vários trabalhos de seus alunos foram publicados. Alguns ganharam concursos e a própria professora ficou em 3º lugar, em um concurso de poesia em Santa Maria, DF, realizada pela Escola Classe 418.

Soneto da traição

A história da humanidade
Está cheia de fatos
Que envolvem a crueldade,
Do ser humano nato.

Aquele que ainda não sofreu
A dor da traição,
Prepare-se, cedo ou tarde,
Sofrerá meu irmão!

Esse golpe fatal,
Não tem aviso prévio
Vem de onde menos se espera.

Seja da pessoa amada,
Do sócio, do companheiro...
Que deseja privilégio.

O tempo que passa

O tempo que passa,
Vai e não volta mais.
Mas deixa marcas
Tão profundas,
Que o tempo não apaga.

As marcas unem pessoas,
Mas também as afasta.
Em nosso caso,
O tempo passou
E as marcas ficaram.

Fernando se torna
Um historiador.
Diplomata será
A minha Mariane
E isso è graças
Às marcas
Que você deixou.

E em mim, ficaram
As marcas da profissão,
Por ver como você se dedica,
De corpo, alma e coração.

Ao ensinar as nossas crianças,
As minhas dentre tantas
E em cada vitória delas,
A alegria me invade, e encanta.

E o tempo passado
Não me fez esquecer,
Do grande valor,
Do seu ser.

Que o tempo futuro,
A se passar
Dê-lhe tudo de bom
Que você merecer,
Ao lado dos seus.

Pois, muito tempo
De sua vida,
Ao outro dedicou
Com muito amor.
Abrindo mão do tempo
Que deveria dedicar
A vida familiar.

Mas o tempo que passa,
Também cria laços.
A amizade e a gratidão,
São marcas que o tempo,
Em mim registrou,
Na sua convivência,
Com a mãe e com a professora
Que sou.

Com a passagem do tempo,
Para ti chega o momento,
De dedicar tempo,
A si própria.
E usufruir o tempo livre,
Para descansar e ser feliz.

Que o tempo que vem,
Seja justo contigo
Compensando alguma injustiça,
Do tempo que passou

Mara:
Obrigada pelo tempo
Que juntas passamos.
Que Deus seja generoso
Com o tempo que lhe resta

Parabéns por vencer
O tempo profissional,
Com grande louvor.
E com tanto para dizer,
Mas sem encontrar Palavras certas,
Beijos! Abraços! Até logo!...

Ontem

O ontem deixa saudades
De um tempo
Que não volta mais.

O ontem foi tempo de luta
Perdas, vitórias, recuos,
Forças, coragem, conduta.

No ontem nascemos,
Crescemos, choramos,
Sofremos, construímos, rimos.

Juntos, os amigos
Foram felizes,
Perseguidos, traídos.

Mas o ontem nos fez.
Foi nele que fomos
Ensinados, formados e formamos.

No ontem, amamos
E fomos amados.
Ele nos deu amigos,
Bens matérias e familiares.

No ontem, adquirimos
Conhecimento e experiências,
Do que é bom e ruim.

No ontem, fizemos escolhas
Certas e erradas.
Mas não desistimos.

O ontem tem valor.
Merece respeito
Ser lembrado
E reconhecemos seus efeitos.

O ontem é base
Do hoje que se faz,
E estrutura do amanhã.

Sem ele, o hoje
Era apenas sonhos.
O amanhã sem perspectivas
Do ver a ser.

O ontem é momento
De se reviver,
Relembrar o que não
Se pode esquecer.

O ontem deixa saudade
Mas nos dá coragem,
De hoje trabalhar
E o futuro projetar.

Esperança de algo melhor
Para aqueles que amamos.

Ontem, hoje, amanhã,
Aos verdadeiros parceiros,

Saudades são somadas
Com breves encontros
Que serão lembrados
No sempre amanhã.

Que depende do ontem.



Maria Augusta Ribeiro

Nasceu em João Pinheiro, MG.

Aos 4 anos foi para Patos de Minas, onde estudou até concluir o curso normal, sempre em escolas públicas.

Iniciou sua militância política, engajamento e envolvimento com as lutas quando cursava o Normal. Nunca mais parou.

Concluído o curso normal, mudou-se para Taguatinga, entrou, por concurso público na SEEDE, depois na Universidade de Brasília e formou-se em Letras - Língua e Literatura Brasileiras e especializou-se em Redação.

Nesse tempo, período mais duro da ditadura militar - final da década de 70, intensificou seu engajamento e sua luta contra a ditadura, em defesa da democracia, dos direitos, da liberdade, do respeito e da vida digna para todas e todos.

Fez parte da luta pela criação do Sinpro-DF e participou da primeira gestão Cutista da entidade, de 1986 a 1989.

Já aposentada, participou das gestões do Sinpro-DF, de julho de 2001 a julho de 2013. Socialista convicta, ideologicamente de esquerda, reside em Taguatinga, sempre.

Homenagem às Professoras e Professores do Distrito Federal

Sonhar é um direito que temos
Imaginar que um dia tudo vai melhorar.
Nossa responsabilidade é muito grande
Porque temos na alma o sentido da arte de ensinar.

Ensinamos e educamos as mulheres e homens de
nossa cidade,
Desde a infância até a maturidade.
Não deixamos o desânimo nos abater,
Em nenhuma situação ou possibilidade.

Temos consciência de nosso papel,
Inclusive de mostrar o caminho da pluralidade.
As verdades, mais exigentes que sejam,
Não dobram a nossa realidade.
As dificuldades na sala de aula
Driblamos com muita dignidade.

Por isto educamos e lutamos sempre,
Cientes da importância que é lutar.
Sabemos que as lutas por respeito,
igualdade e escola pública com qualidade
São lições que marcam nossa passagem.
Se somos professoras e professores da rede pública
É porque acreditamos no poder de transformar,
Que é a arte de ensinar e educar.

Parabéns professoras! Parabéns professores!
Pelos exemplos que dão para o mundo,
O que é não se acovardar.

Tenho orgulho de ser professora
E com vocês lutar, lutar e lutar!
Por tudo que é digno e sublime
Como é a arte de ensinar e educar.



Maria Cristina Sant'Ana Cardoso

Nasceu no Rio de Janeiro mas considera-se brasiliense, já que reside desde os 3 anos de idade em Brasília, cidade onde construiu toda sua história, a dos seus dois filhos e de toda sua família.

Formada em História e Geografia pela UPIS, atua no Ensino Fundamental desde 1996, quando entrou na SEE-DF. Trabalha na Escola Classe 102, no Recanto das Emas.

Gosta muito de ler e um dos seu autores preferidos é Pablo Neruda, de quem destaca a seguinte frase: *“La poesía es siempre un acto de paz. El poeta nace de la paz como el pan nace de la harina”*.

Escreve para expressar suas emoções diante da vida, das pessoas, tentando imprimir aos fatos um olhar lírico.

Está na presidência do Conselho de Alimentação Escolar e foi eleita para o Conselho Fiscal do Sinpro-DF, gestão 2013/2016.

Quatro Elementos

Terra, que tu sejas verde,
Que sejas fértil.
Para que de tuas entranhas
Quentes e úmidas,
A vida surja, plena!

Água, que possas ser
Límpida, transparente...
Para que cada gota sua
Se transforme, pacientemente,
Em mananciais de vida.

Ar, que tu sejas puro.
E que teu balançar leve sussurros
De amor,
Aos ouvidos dos amantes...

Fogo que sejas ardente,
Que sejas quente,
Para que aqueças corações enrijecidos
Pelo desamor e pela solidão.

Homens e mulheres,
Que possam ser livres!
Para deitarem sobre a terra,
A semente que dorme
Esperando pelo milagre da vida.

Terra, que sejas Mãe!
Para que teu seio nos embale
Quando retornarmos ao teu ventre
E tudo recomeçar:
Sempre, eterno, belo!

Marcha das Margaridas

Mulheres, muitas de longe, algumas de perto.
Margaridas, que apesar da seca de nossa cidade, floriram tudo,
Concorrendo em beleza com nossos ipês amarelos.
Marias, acostumadas com o sol
A queimar-lhes os rostos na lida diária.
Antônias, risonhas,
Meninas, aprendizes na luta,
Sonhadoras, porque sonhos as movem,
Guerreiras, cujas armas são uma flor e um canto.
Seguras, tudo que querem é justiça.
Humanas, em seu ventre geram vida e amor.
Libertadoras, porque a liberdade deu-lhes asas de esperanças
E as trouxeram aqui,
Purificando nosso chão,
Manchado pela ambição de alguns.
Ah! Margaridas, benditas sejam vós!
Benditas sejam suas vozes.
Bom regresso aos seus rincões.
Voltem daqui a alguns anos.
Nossos ipês amarelos se vestirão de flores
Para recepcioná-las.
E nós cantaremos juntas...

Minhas Marias

Sou uma Maria,
Dentre tantas Marias.
Maria que sonha,
Maria que chora,
Maria que sorri.
Sou a Maria do Milton.
Não sou a Geni do Chico,
Nem a mulher de Atenas.
Vim do sertão
Vim do campo.
Pisei na praia
Queimei os pés no asfalto.
Vivo nesta terra
Desbravando, cavando,
Cantando.
Carrego filha, carrego lata,
Seguro a pena, seguro o lápis.
Faço lei, faço parto,
Faço feijão.
Moro num barraco,
Acordo numa mansão.
Sou negra, sou índia,
Branca leitosa.
Sou heroína, sou vilã,
Amo o homem, amo a mulher,
Amo a menina, amo o menino.
Sou boa de briga,
Quero paz.
Sou única, sou muitas,
Sou tudo.
Meu caminho:
A rua.
Nua, sempre tua!



Maria Dolores Ritter

Arte Educadora da SEEDF, aposentada.

Escritora, artista plástica com exposições individuais e coletivas.

Soprano no Coral dos Cinquentões da UNB e Coral da Catedral Metropolitana de Brasília.

Assessora de cultura na Administração Regional de Sobradinho, DF.

Coautora de criação e implantação da galeria de artes Vicent Van Gogh, em Sobradinho, DF.

Possui duzentos e cinquenta trabalhos, com certificação de registro no escritório de direitos autorais da Fundação Biblioteca Nacional. Trabalhos publicados nos jornais: Correio Brasiliense, Jornal de Brasília, Oi Comunidade, Sobradinho Hoje, Jornal do Migrante, Jornal dos Condomínios Agende 2004, da SEE-DF.

Baiana de Itabuna, radicada em Brasília há quarenta e um anos, e casada com o artista plástico Thomas Ritter.

Profissão Amor

Ser professor
É estar preparado.
É ter muito amor,
Pra ser educador.

Ser professor
É amar com criatividade
Educar por amor
Ensinar com amor.

Ser professor
É amar o saber
É saber amar
É amar a vida.

Ser professor
É estar aberto
É aprender a amar
É um ATO DE AMOR.

Dia da Árvore

Vamos cavar a terra,
Árvore plantar.
A natureza agradece,
Todos vamos desfrutar.
Embelezam nossas casas, praças e jardins.
Flores, frutas e sombra, certamente ela dará.
Sendo a natureza pródiga, vai ajudar
O sol, a chuva, o vento, o clima cuidar.
Meio ambiente precisamos para viver.

Temos que entender:
A natureza está em nossas mãos.
Juntemos nossas forças,
Vamos mais árvores plantar,
Melhorando a qualidade de vida,
Nossos descendentes não de agradecer.
Todos merecemos vida de qualidade.
Somos responsáveis em melhorar.
Vamos pensar? ... Vamos plantar?!

Vida no campo

Bem cedinho, galo a cantar.
Joga o laço no cavalo, prende o gado,
Desnata o leite, usa o creme, faz o queijo,
Pega o milho põe no soro pra inchar.

Cangalha, jegue, cacuá
Raspa mandioca, leva à preença,
Faz farinha pro pirão.
Põe carne seca pra fritar.
Com alegria colhe os frutos no pomar.

Busca água na cacimba pra beber.
No açude lava os pratos do comer.
Quebra coco, rala coco, faz beiju.
Quebra milho, tira palha, faz cuscuz.
Fogão de lenha, candeeiro,
Lamparina pra rezar.

Noite de lua, no terreiro chão batido.
Bate feijão de corda pra limpar.
Seca café, torra pila pra coar.
Choca os ovos, cria os pintos, a galinha.
Lagoa cheia de patinhos pra olhar.
Canta roda, joga versos pra alegrar.



Maria Holanda Lopes Carvalho

Nasceu em Porteiras, CE. Demonstrou, logo cedo, seu interesse pela arte, participando de dramas, comédias, corais, programas de auditório, pastoris e recitais.

Graduada em Artes Cênicas pela Faculdade Dulcina de Moraes, em Brasília. Desenvolve um excelente trabalho de resgate da cultura popular.

Secretária de cultura da primeira Prefeitura do Setor M Norte. É integrante da Associação de Arte - Educadores - ASAE. Foi eleita para a Comissão de Negociação dos Professores Aposentados e, por último, diretora dos Sindicato dos Professores.

Recebeu diversos títulos honoríficos no DF e publicou três livros:
“Folclore Brasileiro” (Pesquisa);
“A Formiguinha Bonitinha, Juíza dos Animais” (Leitura Infantil);
“O Grito” (Poemas e Contos).

Membro da Academia Taguatinguense de Letras e integrante do “Grupo Baião de Dois”, com o show músico-cênico, e faz shows e performances.

O sonho de transformar

O sonho de transformar
alimenta o professor
que luta contra a injustiça
para tornar o mundo melhor.
Outrora em lombo de burros,
pelos confins do sertão.
Agora, na caótica cidade,
lutando pela verdade.
Sua razão faz do sonho
a luta pela nação.

Dedica a sua vida
para o mundo melhorar.
Tira a criança do lixo
pra na Escola educar.
Malgrado os baixos salários,
o professor acalenta
a esperança no aluno,
se ele estudar, sua vida vai melhorar.

Educação é mote pra ganhar a eleição.
Desde que o mundo é mundo
é a mesma enrolação.
Somem, quase por encanto,
as verbas da educação.
E ao chegar na escola,
cheia de fé e esperança,
a criança desencanta,
por tudo que ela vê.
Não acredita em nada,
não consegue aprender.
E a escola, também
pelo descaso dos governantes,
pouco tem a oferecer.

Vanguarda em todas as lutas,
o professor continua pobretão.
Se entristece ao constatar,
o descaso com a educação.
Fica sempre renegado,
em seus direitos lesado,
desrespeitado e explorado,
massacrado e mal remunerado.



Neide Maria Massa Pereira

Casada, mãe de cinco filhos, brasiliense de alma e coração, professora, há 27 anos, da Secretaria de Educação-DF, sendo a maior parte do tempo lotada em Brazlândia. Formada em Psicopedagogia, atua na área de atividades, na Escola Classe 13 de Taguatinga.

Acredita muito no poder de transformação da educação, principalmente no resgate de valores e na preservação do meio ambiente. Tem um desejo: um dia escrever somente para crianças.

E agora JK, a água de Brasília vai acabar?

No começo tudo era lindo,
Lobo-guará, tamanduá, mico-leão-dourado...
Vivendo todos, sossegados
Num cerrado nunca antes desmatado.
E agora, JK?
Sumiram os bichos
Apareceram invasões,
Também muitos barracões.
Mataram sementes,
Poluíram nascentes,
Surgiram mansões
Em cima das plantações.
E agora JK?
Cadê o ipê amarelo?
Cadê o pequiheiro?
Cadê o jatobá?
Cadê o pé de eucalipto?
Onde tudo foi parar?
Apareceram asfaltos,
Viadutos, construções
E também arranha-céus.
Meu Deus, como o homem é cruel
Transformou a tua Brasília,
Em cidade evoluída,
Porém sem mata, sem ar, sem vida.

E agora, JK?
Como pode um peixe vivo,
Viver fora da água fria,
Se do lago Paranoá,
À barragem do Descoberto,
Lixo, descuido, esgoto a céu aberto,
Tudo em nome do progresso,
Onde é que vamos parar?
E agora, JK?
Se o que vemos é só desperdício,
Lavam calçadas, sem varrer o lixo,
Lavam os carros com a torneira ligada,
As mãos, a louça, a roupa ensaboada,
As casas, as ruas, até os edifícios,
Ninguém se incomoda, não quer ter nada
com isso!
E agora, JK?
Sem água não há vida,
Sem água não há patrimônio,
Sem água não adianta a riqueza,
Nada mais tem beleza,
Apenas dor e tristeza.
E agora, JK?
Até quando vamos aguentar?

A essência da vida

Chuva, benção da natureza
Que cai como pingos de luz,
Derrama sobre a terra,
Gotas de esperança,
Que trazem a lembrança,
Recordações de criança
Que tão feliz ficava,
Com aquele cheiro gostoso
De chão molhado, prazeroso.
Daquela inocente brincadeira
Que fazia o tempo passar
E fazia a gente esquecer,
Das dificuldades vividas,
Das mazelas da vida,
Do barco sem mar,
Das folhas caídas.
E ia ali, na rua, nosso paraíso,
Sorrindo e pulando como saltibancos alegres
Fazendo o nosso palco,
Lavando nosso ser,
Construindo nossa história,
Levando em nossa memória,
A simplicidade do tempo,

A harmonia do universo,
A essência da criação
Que trabalha sem parar.
E vive a serviço do homem
Que insensato consome,
Pouco a pouco a perfeição.
E vivendo de ilusão,
Criando a destruição,
Cavando a decepção,
Sem buscar a solução,
Sendo tão simples a mudança,
É só deixar a herança
Ensinar para as crianças
Como deve ser a lição:
O mundo não é descartável,
Precisa ser sustentável
Precisa de muito amor.
De pessoas decentes,
E muito mais conscientes
E que ajam com a razão,
Lutando para a transformação,
Para aplaudir a regeneração.

Poesia de ingratidão

Cai a chuva silenciosa e calma.
A natureza cumpre o seu papel.
Depois do tórrido tempo do calor,
Cai a água, com todo o seu esplendor,
Lavando ruas, levando o lixo,
Trazendo vidas e muita cor.

A natureza é fiel,
Muda o tempo, lava a alma.
O homem, extremamente cruel:
Mata, maltrata, queima, desmata,
O campo, a mata, o verde, o jardim.
Envenena a água, polui o ar,
Suja a mata, corta o jasmim.

E passa faceiro,
Com o seu carrão ligeiro,
Jogando lixo, matando bicho,
Sujando o chão, na contramão,
Queimando o cerrado, erguendo a mansão.
E o ambiente fica assim:
Meio impávido, guerreiro,
Sofrendo erguido,
As mazelas do inimigo,
Que tenta de todas as formas

Castrar, podar o broto,
Calar a vida, desbotar a cor,
Desdenhar da dor.

E ele, inconsciente e matreiro,
Como quem está no mundo a passeio,
Sorri zombeteiro, quer mais é se divertir.
Quer “ viver “ , quer fingir.
“ Sustentação, tô nem aí,
não nasci prá semente,
não vou viver para sempre,
quero mais é curtir, e daí? “

Pois bem, “companheiro”,
Os teus atos me assustam,
A tua violência te condena,
Prá você não tem cadeia, nem pena.
Tem uma catastrófica herança
De um mundo vazio, demente,
De uma geração indiferente,
Desumana, sem amor.

E para nós, fica a lição,
Dinheiro não é tudo não!
Sustentabilidade, a solução.
Reciclar, reduzir, reaproveitar,
Porque no mundo, tudo o que se planta dá.
Mas, quando não tiver onde plantar,
Quando não tiver onde viver,
Para onde vamos correr?

Eu não quero apenas lembranças,
De uma paisagem distante,
De um ipê florido, exuberante,
De um ar puro, despoluído,
Da beleza constante do mar,
Do sabor da água cristalina,
Do abraço do sol na primavera,
De quando existia aquela paquera,
Embaixo de um jatobá.

Eu quero um mundo agradável,
Eu quero é água potável,
Viver num mundo sustentável,
Aproveitar o que é reciclável,
Separar o que é separável,
Comprar o que é biodegradável,
Tornar o planeta suportável,
Pois sou ser humano, posso ser amável,
Pois eu preciso é ser gente,
Respeitar e ser consciente.
Que temos um mundo a zelar.



Neusa Maria Rodrigues

Nasceu em Boíba-Cocal, Piauí, em 26/07/1939. Chegou em Brasília em 1970, onde fez o concurso público. É professora aposentada de Língua Portuguesa, da Secretaria de Educação do DF.

Iniciou seus estudos em Parnaíba, com o auxílio de professora particular e dos padres católicos, obtendo sempre ótimo aproveitamento nos estudos.

Em Fortaleza, estudou na Escola Normal, foi professora do Colégio Jesuíta e do Colégio Imaculado Conceição.

A partir de 1975 participou de movimentos sindicais e foi fundadora do Sindicato dos Professores no DF.

Atualmente continua a estudar, pesquisar e escrever, na área de saúde integral preventiva, com intenção de transmitir os conhecimentos às categorias profissionais.

O livro como mania

Você quer que a criança
Consiga cidadania?
É botar na sua cabeça,
O livro como mania.

Não será mais reprovada,
Na sua boa escola,
Se a professora botar
O livro na sua cola.

Ela se disciplina,
Cria responsabilidade,
Só procura o que é bom
Na nossa sociedade.

Desenvolve na criança
Muita inteligência.
E ela vai procurando
O caminho da decência.

Acaba com a violência
E com a corrupção.
E a Nação fica em paz,
Com muitos livros na mão.

Crianças vão ensinando,
A seus papais queridos,
A ciência da leitura.
E a família enfrenta,
Os problemas com bravura.

Com muitos livros na mão,
O menino se transforma
Num guri bem criativo,
Não havendo nesse mundo,
Remédio mais preventivo.

O povo culturizar-se
É de suma importância,
Pois o Brasil não suporta
Tamanha ignorância.

Não há nada mais gostoso,
Com infinita magia,
Do que a leitura de um livro,
No correr do dia a dia!

Criar boas bibliotecas
É uma grande obrigação,
Pra se poder resolver
Os problemas da Nação.

O dinheiro que se gasta
Com as penitenciárias,
Deveria ser investido
Pagando bibliotecárias.

De tudo que eu disse aqui,
Você pode ter certeza,
Que agarrado ao livro,
O guri sai da pobreza.

Ah! Governantes do povo!
Se vocês conseguissem
Entender a poesia!
Fariam muita economia,
Com o livro como mania.

Quem lê, sabe mais.



Orlando Pereira dos Santos

Nasceu em 02/05/1967, em Santa Clara d' Oeste, SP, e veio para Brasília em agosto de 1980. Morador de Brazlândia, onde concluiu o Ensino Médio, trabalhou como jardineiro na extinta empresa de reflorestamento Pró-Flora. Foi rodoviário, conciliado com a vida de músico na noite de Brasília, atuando como baterista. Estudou na Academia Drumer e fez percussão na Musimed. Participou de inúmeras bandas e acompanhou cantores de estilos variados, chegando a gravar CD com a banda Bagagem Clandestina em 1993.

Em 2000 formou-se em Educação Artística na Universidade de Brasília - UnB. Atualmente é professor da Secretaria de Educação do DF, em Brazlândia. Nas horas vagas apresenta-se com a nova rock banda e escreve letras musicais com melodias, para breve gravação de um CD.

Dos nativos

Amazônia é mãe natureza,
Dos nativos do lugar,
Extrativistas da beleza.

Das nascentes, água doce,
Do rio , o peixe,
Da mata , o fruto,
Da palha, a rede.

Das plantas, o remédio,
Da madeira , a casa,
Da devastação, o tédio,
Peito arde em brasa.

Chaga aberta na amazônia,
Fogo, fumaça na mata.
Fazendeiro grileiro,
Escraviza quem trabalha.



Patricia de Oliveira Silva

Desde 1997 sou professora da Secretaria de Educação do DF. Sou pedagoga e pós graduada em psicopedagogia. Mas isto não sou eu, isto não sou eu...só...

Sou uma mistura de cigarra e formiga e trago o universo dentro de mim, que aos poucos vai se descortinando. Sou uma apaixonada pelas relações e sei que toda essa vida é uma grande desculpa pra gente se afinar no convívio com tudo o que nos cerca . Me encontro a cada passo: quando crio , quando de repente percebo que o outro também sou eu.

Tenho na arte meu ancoradouro , meu mar e meu barco, o ninho onde me abrigo das intempéries da vida. Escrevo, conto histórias, canto, danço, ando de bicicleta, de patins e tenho mil idéias pra colocar em prática. Sou mãe de três especialíssimos mestres .

Meus interesses: simplicidades, verdades - ainda que doam, trocas alquímicas, andar descalça na grama, me encontrar a cada dia mais, brincar e aprender com meus filhos e com meus trabalhos, músicas e poesias infindas, manifestações de beleza e inteireza, risada (muita risada) e choro (só pra refletir), amigos, amor em todas as suas formas e Deus que mora em tudo isso que falei acima.

Tensão Pós-Moderna - Tpm

Neste mundo onde vale o que se tem
É bom saber que, por trás dos meus óculos Armani, meus olhos
ainda choram.

Neste mundo onde vale o que se tem,
Bom saber que as joaninhas vermelhinhas de bolinhas pretinhas,
ainda pousam nas folhas.
E as águas nas cachoeiras continuam a cair.
E o sol se põe ,
E as estrelas cintilam no céu.

Neste mundo onde vale o que se tem,
Meus olhos chorosos imploram por verdades que não morrem,
Pelas verdades escondidas no tempo,
Que essas verdades nos protejam,
Nos acolham e nos guardem em sua constante paz.

Preciso das águias e suas determinações.
Preciso que minha saia me chame pra dançar.
Preciso que meu rímel me ponha novamente de pé.
Preciso que meu batom acorde as cores que dormem em mim.

Neste mundo onde vale o que se tem,
Preciso novamente me irmanar ao natural,
Pra não sucumbir e perceber que valho muito mais.

Operária

Acordo cedo.

O sol nem nasceu.

Em pé e dentro de um ônibus atravesso a cidade.

Começo então meu ofício de juntar palavras.

Palavras caídas no chão e outras voando no tempo.

Capturo-as e junto com minha enxada.

Mexendo e remexendo na lida diária pra formar o cimento,

Pra juntar os tijolos das inconclusões e construir a minha casa.

Casa que faço e desfaço com as mãos calejadas.

Casa que faço e desfaço com um sorriso largo e lágrimas nos olhos.

Hora do almoço.

Meu corpo suado e magro e forte nem sentiu o tempo passar.

Abro a marmita e dentro outras poucas palavras, preparadas com cuidado, brincam de me saciar.

Volto ao trabalho,

No cimento meu suor.

O dia finda, pego no sono ali mesmo.

Idéias infindas... enfileiradas e outras encostadas pelos cantos aguardam o amanhecer.

Universidade

Quando crescer eu quero ser...Criança!
Pra ter sorriso largo.
Pra acreditar em Papai Noel,
Pra levar a sério a brincadeira.

Quando crescer, eu quero ser criança,
Pra viver o presente sem temer o que virá,
Pra ter olho de turista pro que eu vejo todo dia.

Quando crescer eu quero ser criança,
Pra ter uma calda luminosa de cometa atrás de mim,
Enquanto eu corro atrás da bola.

Pra ter um brilho ímpar nos olhos e na alma,
Quando crescer eu quero ser bem pequenininha...



Paulo Palmério Queiroz

Natural de Iturama, Minas Gerais, nasceu em 25/01/1951. É professor, administrador escolar e advogado. Integrou a equipe de professores de Educação Física que elaborou o Currículo de Educação Básica das Escolas Públicas do DF, em 1993. Atuou como professor em Goiânia (73/77); professor e diretor de estabelecimento de ensino público de Brasília, alternadamente (73/97).

Homenagem a um educador. Dedico meus poemas desta edição ao *professor Aristides Adame*, Educação Física, Gama, DF, profissional de rara competência, amigo leal e exemplar pai de uma bela família. Em síntese, atua desde 1973 no ensino público (40 anos), e também no ensino particular, oscilando entre a atividade de professor e várias chefias, coordenações e destacada missão de multiplicar, que sempre exerceu com eficiência e brilho.

Leitor contumaz, bem informado, foi muito além dos conteúdos programáticos, disseminando lições de cidadania e contribuindo de forma concreta e inestimável para a formação de seus alunos, futuros agentes de tão acalentada transformação social, da qual nosso país tanto precisa.

Chapada dos Veadeiros

Pode-se estar perto das estrelas,
Pisando a Chapada dos Veadeiros,
Em noite repleta de luzes celestiais
E atabaques nativos ritmados pela sensualidade.

Não importa altitude, credo ou seita,
Nesse ponto equidistante
Onde os sentimentos confluem para a paz,
No cintilar de óvnis, vaga-lumes e cristais.

As vibrações devassam a imensidão,
Resvalam nos painéis rochosos
Escritos por homens perdidos no tempo,
Ecoam nos vales da Lua e do Sol
E seguem renovados,
Como tromba d'água caída repentinamente,
Nas cabeceiras de estreitos afluentes,
Formando turbilhões,
Arrastando preceitos escoteiros.

A força da natureza
Encanta, surpreende e destrói.
A dor faz refletir,
No lirismo estrelado,
A melhor lição ecológica.

Lance seus olhos
Sobre a vastidão do cosmo,
Contemple a natureza exuberante da Chapada
E sinta-se bem perto das estrelas.

Impeachment – Mobilização

O poder confere brilho,
Honrarias e aplausos,
Mas induz à onipotência,
Quando quer castigar seu dono.
A partir daí,
Desfere toda a sua ira
E leva à desgraça,
Realeza e súditos.

Para colorir um grande país,
Não basta estar investido de poder.
É preciso estar repleto,
De sapiência e boa-fé,
Despir-se de arrogância,
Dosar a eloquência,
Ampliar os limites do coração.

Certa feita,
Insurgiu-se o povo,
Ante a soberba e perdulária autoridade,
De um novo governante,
Subserviente a tão nefasta burguesia.
Nem sua versatilidade atlética
Conteve o ânimo do gentio,
Que se mobilizava fortemente,
Enquanto o jovem mandatário
Realizava magistras peripécias
Sobre as vizinhas águas do grande lago.

Ministérios enfileirados
Exalavam odores fisiológicos,
Favores sub-reptícios, negociatas.
Triste contra senso
Àquela imensa fonte de vida.

Drástica repercussão
Acirrou o consciente operário,
Têmpera de força, união e cidadania.
Segue-se o motim,
Passeatas e faixas; o levante.

Sequer as reservas amealhadas
Taparam as evidências do engodo
E impediram a retumbante queda,
Fim de sua elegante e daninha ocupação.

Plural

Havia
Um sonhador,
Em meio à turbulência operária.

Ao ranger do dia
Vinha-lhe a poesia
Que se lhe acumulava na alma,
Que se lhe brotava dentre os dedos,
Embrutecidos e ternos,
E jorrava aos borbotões
A redesenhar a imensa crença que o alimentava.

Especialistas afirmam
Que o ser acossado
Desanda a superar-se,
E que o desespero o fortalece e renova.

Assim,
A cada centímetro de sua criação,
Eclodia legítima e relevante questão
Íntima, moral e social,
Pronta a deflagrar uma revolução.

Havia ali,
Uma autêntica proposta
Pela pluralidade,
Pela expansão,
Pela universalidade da luz,
Do ar,
Do essencial.

Encostas

O Sol avassalador
Remete-nos aos Deuses,
Enquanto choramos os grãos
Que não mais germinam
Nas entranhas da terra ressequida.

As enchentes intempestivas
Subtraem tudo,
Sob o pretexto de ensinar lições de vida.
Arrastam consigo provisões, estimativas,
Quinquilharias, amarras.

Fenômenos naturais
Demandam compreensão.

A sensibilidade
Faz espargir a natureza abundante
Sobre encostas morais, sociais, dogmáticas.
Liberta, preserva e fecunda.



Ronaldo Oséas da Silva

Professor da Secretaria de Educação do DF, graduado em Letras e com mestrado em Literatura Brasileira. Natural de Santana do Tabuleiro, MG, está radicado em Brasília desde 1983. Tem contos e poemas publicados em coletâneas editadas pelo Instituto da Poesia Internacional, RS, Jornal de Brasília e concursos literários da Asefe. É verbete no Dicionário dos Escritores de Brasília, organizado por Napoleão Valadares.

Árvores e suas Sombras

Gosto das árvores e suas sombras,
De vê-las floridas, festivamente vestidas,
Como casa de beija-flores azuis, multicores.
Nos seus galhos balançar, abraçados, colher seus frutos
E contemplá-las frondosas, formosas.
Vejo, enfim, divina maravilha, da natureza ditosa filha.
Mas, se o machado alçado, violento, o golpe desfere,
Impiedosamente rasga, sangra sua carne,
Expõe a seiva em sangue, banhando a terra.
Viro o rosto para não vê-la tombada,
Mortalmente ferida, despedaçada.
Em aflição solto um grito, ao seu gemido,
aos homens de boa vontade
Que, pela paz e a esperança, zelem pelas matas,
Pelos infantes regatos indefesos.
Os rios maduros na sua sina: velho Chico, Amazonas e Parnaíba.
As corredeiras e as mansas planícies,
E a multi vida das matas: a vida primata e as águas das cascatas.
A harmonia secular, a cosmo vida em sobrevivência:
O homem, as plantas, os bichos.
Que enrouqueçam os barulhos das motosserras,
Emudeçam os gritos de dor nas matas
Calem as dragas nos rios e renasçam as cachoeiras.
Que o céu seja apenas o infinito azul dos pássaros em revoada,
Que nas serras e nos campos, nos altiplanos,
Nas cidades, na terra e nos oceanos
Ecoe tão-só o sonoro som da vida.

Oração Universal

Quisera ouvir um canto de paz;
Quisera rezar uma oração de vida;
Quisera saudar o amanhã de esperança;
Quisera ser um homem com alma de criança.

Entoaria uma canção que louvasse o Pai das matas,
Que está no céu e em toda a Terra
E contrito santificaria a vida em profusão,
Em nosso nome e pela nossa sobrevivência.

Fraternalmente saudaria os que vêm em nome da paz,
E que a sua vontade fosse feita em cada homem de ação,
Nas cidades sem poluição, no trânsito sem violência,
Na floresta preservada e no campo pacificado.

Como homem-pai da grande família universal,
Pediria ao Grande Pai um mundo sem fome, hoje e sempre,
Abraçando árvores, animais e homens multi credos e multicores,
Em nome de um perdão sincero pela intolerância nossa.

Renascido de alma pura, livre de preconceitos e ideologias,
Venceria as tentações da vida fútil e banal,
Livre das angústias, modismos e egoísmos,
Feliz por natureza, protegido de todo Mal.

Retrato do Brasil

Homem agreste, coração valente, moldado na forma da bravura.
Homem que não se dobra, forjado nas agruras da secura.
Braço forte, doçura da garapa, força da moenda que esmaga a cana.
O boia-fria, o retirante, migrante cidadão do mundo.
És o facão afiado dos canaviais, no sol a pino tombando cana.
Teu berço, é de rocha construído, e de sonhos povoado.
Homem da lida, que sulca a árvore e tange o gado.
Dá forma ao barro, tua mão oleira, em arte pura.
És a faca que talha a madeira e faz a carranca.
Homem dos rios, que se lança ao mar, que navega na noite escura,
Que benze, reza e excomunga, que se abriga na barranca.
Ah, esse homem dos seringais bendito, teu nome é Chico.
Ah, esse mestre das artes, tua graça é Vitalino.
És a força, a história, o coração que pulsa além das matas.
Tua voz é graça, melodia pura, é fantasia e realidade,
A ladainha da beata, o choro do retirante e sua verdade.
Leva na pena a história, a denúncia e a magia.
Faz do trabalho, oração, e da reza, uma canção.
És mito, és santo, és Ciço e Damião.
És a voz da alegria, mensageiro do riso, Anísio,
A Patativa festiva, a voz do analfabeto.
És teologia, ideologia, o acolhimento e o afeto,
A esperança vencendo o medo, o segredo.
És Brasil, baião e xaxado desse povo oprimido.
És Beto, concreto, Ariano e Gonzaga da caatinga,
A luta e a história, o passado, o presente e o futuro.
És homem e mito, sagrado e profano, lembrança e memória.



Sonia Montagner

Artista plástica, arte-educadora e designer de interiores, possui Mestrado e Doutorado em Artes Plásticas e Pintura, pela Université Rennes 2, na França, pesquisando em inúmeros museus e galerias da Europa.

Atuante em Brasília desde 1979, apresentou dezoito exposições individuais, participou de inúmeras coletivas e sua obra compõe acervos em vários países.

Membro de Comissão Julgadora em salões e concursos de arte, escreveu análise crítica da obra de vários artistas. Também proferiu palestras e cursos, coordenou projetos culturais, e atuou como Conselheira de Artes Visuais no Conselho de Cultura do DF.

Chão nosso

O chão que me sustenta
é terra, é verde, é cor.
A vida brota, flui,
 respira fundo o ar
que pretende puro
e deslancha
na aventura do viver.

Se queimas, é cinza,
não tem vida, nem flor
 ou cor.
É cinza esganando a vida,
 desolação,
mascarando o descuido
 a ambição.

Teu lixo, é vício
 é malefício
que debes limitar
 repensar
 reutilizar.

Sempre!
O ciclo tem que recomeçar
 se revelar.
Abre os braços, agigantando,
 canta com as aves
 labora e cresce,
como a planta tenra, vivificada,
bebe nas veias toda chuva conquistada.

Homem
Mulher
vais parir as sementes da terra
 parir as heranças desta terra.
Uma magia do viver!

Beija-flor

Invejo a flor que beijas
flutuando no ar
frente à minha janela
como e fosse a única
do jardim.

Viçosa e bela
 enfeitiça teu voo
frenético pulsar de asas
pairando no ar.

Invejo a seiva, o pólen,
 os insetos,
roçando teu frágil corpo
se agarram a ti
 no reviver.

É sonho, fantasia,
 pousares na minha mão
um segundo apenas,
tocar meu rosto
num pequeno beijo
de beija-flor.

Semeadura

Corres pelo mundo
pela vida
da fadiga
da briga
lutando sem parar
pelo alimento
teu pão
o peixe do rio fugidio,
caudaloso mar
fingindo namorar o céu,
nosso abrigo sem fim.

Pássaro, espírito meu
rasgando ares azuis
cinzas tempestades
verdes ramagens
semeias chão fecundo
e voa
desvairada liberdade, revoa.

Ressoa teu canto,
o canto do homem
que procura seu norte
vida que é vida
renasce enfim,
sorte.



Vicente de Melo

Filho de um candango, Vicente de Melo foi criado em Brasília, onde chegou aos dois anos de idade, oriundo de Uberaba, MG.

É professor da rede pública e contista. Membro da Academia Ceilandense de Letras e Artes Populares – ACLAP, venceu o *Prêmio SESC de Contos Machado de Assis*, edição 2005, do SESC-DF, com o conto *Os estultos*.

Publicou, em produção independente e edição limitada o livro *Contos Federais* e o romance *A Saga de um Candango*, que conta a história não oficial da construção de Brasília.

Terra Morta

Caminho divagando entre cardos espinhosos e cinzas...

As ruas encontram-se totalmente desertas e tétricas...

A fumaça negra arde em meu nariz e o sol escaldante queima a minha tez banhada de suor.

No céu opaco, urubus voam em círculo à procura de alimentos, misturados em meio aos escombros e o lixo fétido de corpos decompostos.

Lucubrei procurando soluções, enquanto as lágrimas brotam em meus olhos tristes.

Nada encontrei.

A ambição, a ganância e a intolerância engendraram guerras insanas, destruindo o que restara das últimas gotas de felicidade.

O último rio secou...

A última árvore caiu...

O último pássaro gorjeou...

A última borboleta perdeu a alegria e a cor...

A última esperança pereceu.

A palidez denuncia a outrora rubra flor fenecendo em seu derradeiro estertor...

Sentei-me no chão. Chorei, observando as chamas dos raios solares se arrastando como serpentes vorazes lambendo tudo.

Acordei entre frêmitos de medo, soluços e emoção.

Sim, ainda existe solução.

Sede do Sinpro-DF

SIG, Quadra 6, lote nº 2260, Brasília - DF

Telefone: 3343 4200

Subsede Taguatinga

CNB 4, lote 3, loja 1.

Telefax: 61 3562 4856 e 3562 2780

Subsede Gama

Área Especial 20/21, Pavimento Térreo do Edifício Alternativo
Center, salas nº 42 e 44

Setor Central - Lado Oeste do Gama.

Telefax: 61 3556 9105

Subsede Planaltina

Avenida Independência, quadra 5, lote nº8, Vila Vicentina.

Telefax: 61 3388 5144

Contatos

Francisco Joaquim Alves - Chico do Gama

Tel.: 61 9161 0115

E-mail: chicodogama@sinprodf.org.br

Jairo Mendonça

Tel.: 61 9987 8305

E-mail: jairomendonca@sinprodf.org.br

www.sinprodf.org.br

Permitida a reprodução, desde que indicada a fonte e os autores.

Livro impresso por Dallas Gráfica e Editora Ltda,
em papel AP 90g/m² o miolo,
e papel Supremo 300g/m² a capa,
tamanho 160x230mm fechado e tiragem 2500 exemplares.

Brasília, Distrito Federal - Brasil, outubro de 2013.

No silêncio do voo Poesia

É a escrita lírica dos professores do Sinpro-DF, para levar aos leitores a reflexão de temas atualíssimos e urgentes.

A relação entre seres humanos e destes com o planeta são temas antigos. Mas, nunca tão necessário à compreensão e atitude, como agora. Para ampliar o alcance deste debate é que optamos pelo desenho poético da comunicação.

Temos certeza que a pluralidade de ideias, sentimentos e atitudes aqui registrados encontrarão fecundidade em todos os lugares do mundo. Principalmente nas escolas.

Canto ao guerreiro

Guerreiro é um poeta da luta.
Poeta é um guerreiro das letras.
Posto que ambos encantam:
Lutemos, cantemos e dancemos.

Chico do Gama

